

NOMADSUSP

Habitação social francesa. Volume 2
David Sperling. 1997

como citar este texto:

SPERLING, D. .Habitação social francesa. Volume 2. Relatório final de Iniciação Científica. Bolsa CNPq-Pibic. São Carlos: EESC-USP, 1997. 210mmx210mm. 59 p., Ilustr. Fotocópia p&b. Disponível em: <http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html> Acessado em: dd / mm / aaaa

RESUMO

Dando seqüência ao texto anterior, o trabalho analisa doze realizações de habitação social dos anos 80-90 em Paris, e apresenta algumas conclusões preliminares sobre as perspectivas atuais.

WWW.NOMADS.USP.BR

02
10
12
16
19
22
25
28
30
32
34
36
38
41
45
54

।

ॐ

ॐ

।

ॐ

ॐ

LEU

3

I

D

N

I

INTRODUÇÃO

FRÉDÉRIC BOREL

RENZO PIANO

JEAN DUBUS, JEAN-PIERRE LOTT

DOMINIQUE PERRAULT

YANN BRUNEL

LA POSTE

la poste MICHEL BOURDEAU

la poste CANALE 3

la poste PATRICK CHAVANNES, MANUEL DELLUC

la poste PHILIPPE GAZEAU

la poste FRÉDÉRIC BOREL

ARCHITECTURE STUDIO

CHRISTIAN HAUVETTE

CONCLUSÃO

SOBRE A PESQUISA

À memória de
José Otto Sperling
e
José Carlos Noqueira,
incansáveis pesquisadores

À orientação da Prof. Akemi e do Prof. Tramontano
e o apoio do pessoal do GHab
nos dois anos de pesquisa

À presença das
pessoas
que acompanharam este trabalho
e acompanham os desafios da graduação

D. Sperling/ A. Ino/ M. Tramontano

GHab - Grupo de Pesquisa em Habitação
SAREESC/USP
Caixa Postal 359
13560-250 São Carlos SP
Brasil

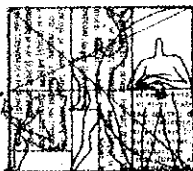
Tel/Fax (55) (16) 271.1133

<http://members.tripod.com/~tramont/index.html>

sperling@sc.usp.br

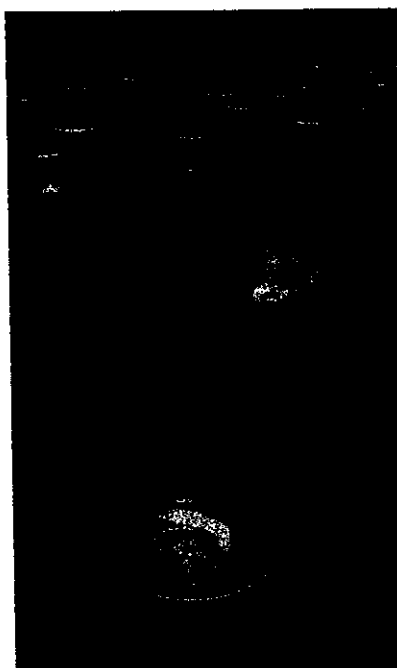
ino_akemi@sc.usp.br

tramont@sc.usp.br



volume 2 . relatório de iniciação científica . cnpq-pibic
universidade de são paulo
escola de engenharia de são carlos
departamento de arquitetura e urbanismo
ghab . grupo de pesquisa em habitação
julho de 1997

introdução **INTRODUÇÃO**



CHAOS, Jai-Eun Choi

Os princípios básicos de elaboração de uma cidade funcional, conforme enunciados na Carta de Atenas, reduzem a quatro as funções primeiras do ser humano - morar, trabalhar, recrear-se, locomover-se -, que impressionam, como nota Otília Arantes, as dimensões do programa e a abstração que o comprometia desde o início. Arantes escreve que “uma *ordem* construída idealmente, nivelando diferenças e condições históricas das mais variadas, subordinada ao princípio do modelo único e com validade internacional..., forçosamente substituiu o homem concreto e as relações reais na sociedade por uma organização espacial maximamente eficiente do ponto de vista do sistema econômico geral”. Conforme nota a filósofa, o método projetual deveria ser regido pela objetividade, pela racionalidade, pela funcionalidade e pela internacionalidade.²

3

¹ Grifo da autora

² ARANTES, Otília. *O lugar da Arquitetura depois dos Modernos*. São Paulo: Edusp, 1995, 2.ed., pp. 54-55.

A década de 60, período de agitação e de rediscussão de paradigmas arquitetônicos, apontando para prenúncios de diversidade e antecipando o que seriam as próximas décadas, traz para o centro da cena pelo menos três destaques: o livro “Complexidade e Contradição na Arquitetura”, de Robert Venturi, abordando a preferência pela “dificuldade da inclusão à facilidade da exclusão”; o livro “A Arquitetura da Cidade”, de Aldo Rossi, com suas formulações de fato urbano, lugar e construção da cidade; e as pesquisas utópicas da tecno-flexibilidade do grupo inglês Archigram, que propunham a

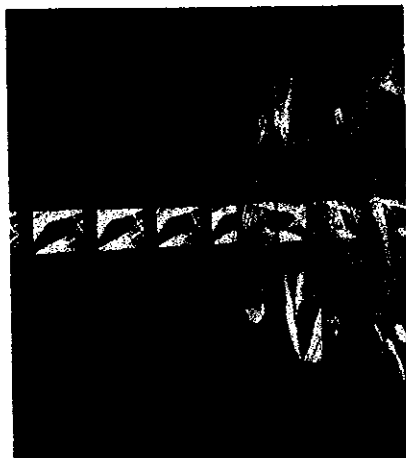
construção do objeto arquitetônico utilizando-se das representações que a cidade passava a fazer-se de si própria. A palavra de ordem do momento instigava à rediscussão dos dogmas modernos, fosse no sentido de ultrapassá-los ou mesmo de negar totalmente sua validade.

Caberia aqui um rebatimento para o campo específico da arquitetura das questões colocadas por Sérgio Paulo Rouanet em seu ensaio "A Verdade e a Ilusão do Pós-Modernismo", que trata da ciência pós-moderna. Para Rouanet, a melhor descrição de uma ciência 'pós-moderna' é, sem dúvida, a de Lyotard, para quem a ciência moderna é inseparável das 'narrativas legitimadoras', "tais como a emancipação do povo ou do gênero humano (Iluminismo), e a autobiografia do Espírito (Hegel)". Ela seria legítima por servir aos fins emancipatórios do homem, ou por ter um lugar definido no sistema enciclopédico dos conhecimentos, tal como definido pela filosofia especulativa. Para Rouanet, o que caracteriza a ciência pós-moderna é a incredulidade com relação às narrativas legitimadoras, o que não parece significar um processo de deslegitimação, que reduziria a ciência a um estado de cegueira positivista quanto a si mesma, mas sim uma nova forma de legitimação, baseada na pragmática do próprio discurso científico. "Com efeito," continua Rouanet, "a ciência não busca o consenso (narrativa iluminista de uma humanidade razoável, retomada por Habermas), mas o dissenso, não busca a eficácia (como a sociedade tecnocrática dentro da qual ela funciona e que gostaria de submetê-la aos imperativos da performatividade), mas a invenção, o contra-exemplo, o ininteligível, o paradoxal. Se é assim, a ciência pós-moderna se legitima pela *paralogia*³, pela diferença com relação ao que, num momento dado, passa por científico. Assim, todo enunciado com pretensões cognitivas será aceito como legítimo pela comunidade dos cientistas quando for argumentável e verificável, quando comportar uma diferença com relação ao já conhecido e quando der origem a novas idéias. Em suma, enquanto a ciência moderna se legitima com relação a grandes sínteses homogeneizadoras, a ciência pós-moderna, seguindo, nisso, a *epísteme*⁴ pós-moderna em geral, se legitima pelo heterogêneo, pelo inesperado, pela diferença."⁵

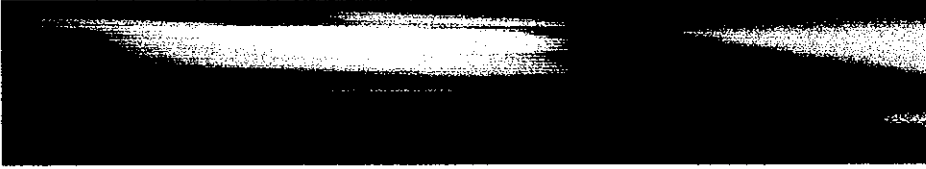
³ Grifo do autor

⁴ Grifo do autor

4



MICRO-MACRO, Jai-Eun Choi



⁵ ROUANET, Sérgio P. A Verdade e a Ilusão do Pós-Modernismo. In: *As Razões do Iluminismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. pp. 229-277

⁶ ARANTES, Otilia, *op. cit.*, p. 19.

⁷ Grifo da autora

⁸ Grifo da autora

⁹ Grifo da autora

¹⁰ ARANTES, Otilia - *op. cit.*, p.19

As transformações no campo da arquitetura não estiveram isoladas, mas, como observa Arantes⁶, expressam o Espírito do Tempo. Uma mutação crescente nos modos de vida - família monoparental, prolongamento do tempo de moradia dos jovens com a família, aumento da expectativa de vida, atomização dos comportamentos - e sua diversificação, chegando, em algumas regiões específicas do globo, ao desaparecimento de um modelo dominante, ainda que seu enfraquecimento seja claro em todo o mundo de influência ocidental. Automação dos meios de produção levando o homem às tarefas de pesquisa e administração, tendo como hipótese a redução do número de horas trabalhadas *per capita* - mas levando, na prática, ao seu aumento - e do número de empregos. Evolução do processo de pensamento fragmentário e a utilização cada vez mais frequente de meios computadorizados de informação e transporte de dados, subvertendo as relações tempo-espço e real-virtual. As redes onipresentes de comunicação permitindo a intertransmissão entre os diversos meios, criando, no homem, a necessidade de estar sempre conectado, alterando as próprias relações sociais e a permanência no interior das habitações: a velocidade da chegada de informações impede qualquer reação física, levando a crítica da cultura a um de seus maiores lugares comuns ao afirmar que "vivemos sob o signo do *olhar*", sob o império da *imagem*⁸, no âmago de uma civilização do *simulacro*⁹, e assim por diante... ", como nota Otilia Arantes. A filósofa identifica, no momento atual, um esforço generalizado no sentido de se demonstrar que a assim chamada Realidade evaporou-se a golpes de estilização hiper-realista, que nesta suposta sociedade do espetáculo - embora, segundo a autora, nela nada se represente - "a cópia é superior ao original, que tal eclipse se deve a uma avalanche de imagens sem referência, que não há, portanto, informação propriamente dita, sendo a comunicação uma mera simulação."¹⁰



preocupação da reavaliação de sua qualidade e de seu distanciamento das necessidades dos habitantes, é, como em qualquer parte do mundo, claramente maior do que o das realizações inovadoras. Na França, no entanto, estas últimas tem sido finalizadas em número

A arquitetura também estaria vivendo tempos de crise para o arquiteto inglês Richard Rogers, a quem se atribui em grande parte a paternidade do *high-tech* enquanto estilo arquitetônico.¹¹ Seriam tempos frutíferos, já que, como em todo período de crise, tem-se a liberdade de propor as mais variadas arquiteturas.¹² Assim, incluídos no que se convencionou chamar de arquitetura pós-moderna, movem-se outros rótulos como regionalismo crítico, *high-tech*, deconstrutivismo, minimalismo, contextualismo, estruturalismo, neo-racionalismo, e outros ismos¹³.

É nesse contexto que se dá a produção habitacional contemporânea na França. A constante alteração no perfil sociológico e econômico, a inserção de novos equipamentos no espaço da habitação e de novas tecnologias no cotidiano comum, o debate arquitetônico contemporâneo, vêm instigar a pesquisa de novas configurações do espaço de morar realizando a necessária correspondência efetiva entre as pesquisas sobre o objeto desenhado e a realidade do objeto habitado.

Em meio às muitas propostas e realizações habitacionais na França - e aqui foram selecionadas algumas das mais representativas para posterior comentário - surpreende, em primeiro lugar, o volume de intervenções e a variedade de soluções¹⁴ - implantação, materiais, aberturas, organização espacial etc - , como também a inserção de um número crescente de jovens arquitetos na projeção da habitação social francesa. Neste espectro significativo de obras habitacionais, dentre as diferentes posturas, torna-se possível identificar questões em comum e os principais itens do atual debate sobre a cidade.

Em 1928, Hannes Meyer publica sua tese "Edificação" onde já colocava

¹¹ Rogers recusa esta paternidade, atribuindo-a ao americano Buckminster Fuller.

¹² Depoimento do arquiteto à série "Arquitetura", transmitida pela TV Cultura, São Paulo.

¹³ Ver FRAMPTON, Kenneth. Os ismos da Arquitetura Contemporânea. In: *Architecture Design* n.52 jul/ago 1982. Impr. Tradução: Philip Gunn e Yara Vicentini.

¹⁴ Não se pode, contudo, esquecer que o volume da produção de arquitetos que estão propondo a mesma habitação convencional francesa, sem a

muito expressivo, justificando, inclusive, o interesse da presente pesquisa.

¹⁵ "La nueva vivienda se crea elementalmente, no sólo como una máquina de vivir, sino como un aparato biológico destinado a satisfacer necesidades espirituales y materiales." Publicado na revista *Bauhaus*, ano 2, nº 4, citado por PORRAS-YSLA, F. *Mission Impossible - Cinco apuntes sobre realidad y vivienda*. In: *Quaderns* nº 214, Barcelona, 1997.

¹⁶ Como exemplo de eficiência, os sistemas de armazenamento industrial automatizado, as técnicas da indústria química de condução de fluidos pesados ou os sistemas de fabricação de blocos úmidos da indústria ferroviária.

questões sobre a habitação que são pertinentes à discussão contemporânea. "A nova habitação", escreve Meyer, "se cria elementarmente, não só como uma máquina de morar, mas como um aparato biológico destinado a satisfazer necessidades espirituais e materiais."¹⁵ Também para o espanhol Porrás-Ysla, "a habitação é a estrutura de uso que permanece mais próxima da trama de comportamentos sociais e, também, a que assume com maior dificuldade os aspectos diretamente relacionados com as atividades produtivas"¹⁶. Parece haver uma contradição entre a oposição feita pela habitação - consequência direta da utilização de pessoa a pessoa - à flexibilização de suas configurações, e uma gradual aceitação de realidades em progresso, tanto na esfera social como na aplicação dos avanços tecnológicos do setor produtivo. A relação direta entre a condição estática da moradia convencional com a dinâmica do ato de morar é uma das questões a que os arquitetos tem se proposto a ultrapassar. A procura por novas possibilidades tem passado, muitas vezes, pela flexibilização da planta, o desaparecimento de obstáculos, a concentração de blocos técnicos numa resolução que permita múltiplos acessos a partir do exterior e compartimentações de acordo com o gosto ou necessidade do habitante; a proposição de elementos móveis - com uma aspiração não confessada de que eles venham a desaparecer - parecendo ser a planta vazia o paradigma da contemporaneidade.¹⁸

Para o mesmo autor, paralelamente a perda de mediação entre a

questões sobre a habitação que são pertinentes à discussão contemporânea. "A nova habitação", escreve Meyer, "se cria elementarmente, não só como uma máquina de morar, mas como um aparato biológico destinado a satisfazer necessidades espirituais e materiais."¹⁵ Também para o espanhol Porrás-Ysla, "a habitação é a estrutura de uso que permanece mais próxima da trama de comportamentos sociais e, também, a que assume com maior dificuldade os aspectos diretamente relacionados com as atividades produtivas"¹⁶. Parece haver uma contradição entre a oposição feita pela habitação - consequência direta da utilização de pessoa a pessoa - à flexibilização de suas configurações, e uma gradual aceitação de realidades em progresso, tanto na esfera social como na aplicação dos avanços tecnológicos do setor produtivo. A relação direta entre a condição estática da moradia convencional com a dinâmica do ato de

morar é uma das questões a que os arquitetos tem se proposto a ultrapassar. A procura por novas possibilidades

tem passado, muitas vezes, pela flexibilização da planta, o

desaparecimento de obstáculos, a concentração de blocos

técnicos numa resolução que permita múltiplos acessos a

a partir do exterior e compartimentações de acordo com o

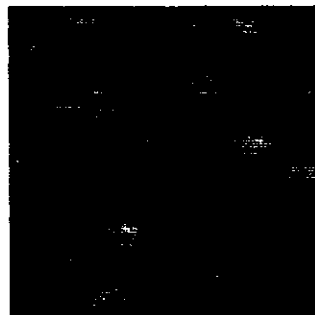
gosto ou necessidade do habitante; a proposição de

elementos móveis - com uma aspiração não

confessada de que eles venham a desaparecer

- parecendo ser a planta vazia o paradigma

da contemporaneidade.¹⁸



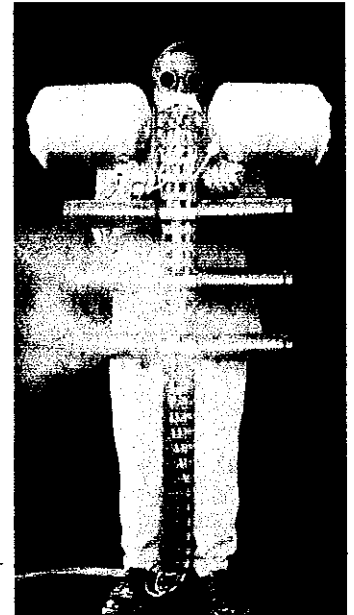
TRIS CLIP IOL IN HUMAN EYE, Paul Ursell

¹⁷ PORRAS-YSLA, F. *op. cit.*, pp. 141-142. Segundo o autor, uma dupla condição poderia ser admitida: a habitação não tem ainda capacidade de se conciliar com a tecnologia de ponta, e: a habitação se move para uma adaptação forçada a novos modos de vida e sofre uma convulsão progressiva e transgressora de seus próprios limites. "La casa inevitablemente exterioriza, da cuerpo a nuestra realidad interna y, más especificamente, a nuestra naturaleza racional." (DANTO, A. *Housing: simbol, structure, site*. Cooper Hewitt, 1990, citado por PORRAS-YSLA, F. - *op. cit.* p. 142).

escala urbana e a atividade individual
no âmbito da cidade contemporânea, se
produziu uma aceitação progressiva de soluções
edificadas de uso múltiplo por seu poder
conformador de texturas urbanas, assim como de
constituir cenários capazes de gerar ou assumir condições
vivas que sustentem a cena cívica.

Em oposição aos *grands ensembles*¹⁸ das periferias urbanas menos
ricas, dos tempos de De Gaulle e Pompidou, filhos naturais do urbanismo da
tábula rasa da Carta de Atenas e freqüentemente associados à ansiedade,
ao tédio, à miséria estética e à delinquência²⁰, as propostas atuais tem tido
como objeto pequenas intervenções inseridas na cidade, concebidas por
arquitetos mais jovens, formados em anos de lutas, inclusive com a
Ordem dos Arquitetos, apoiados pela criação do Instituto Francês de
Arquitetura, com uma mentalidade mais voltada para a cuidadosa
construção do espaço urbano através da inserção de edifícios, e
menos zelosa de produzir objetos arquitetônicos apenas pousados
no tecido construído. A idéia de que a cidade possa ser o lugar
privilegiado da arquitetura, construído através dela, parece

ressoar as teorias de Aldo Rossi sobre o "lugar" resultante da
"relação singular e, no entanto, universal entre certa
situação local e as construções aí sediadas."¹⁹ A ideologia
da diversidade e das identidades locais é expressa,
inclusive, pela denominação "desenho urbano" que
substitui a expressão Moderna "planejamento urbano",
e as intervenções, segundo Arantes, se fariam agora
através dos seguintes princípios: "consertar sem
destruir, refazer sem desalojar, reciclar, restaurar,
criar a partir do que está dado, respeitar a
sedimentação dos tempos diferentes, reatando e



GASMAN, Krueger & Kaplan

¹⁸ Para Porras-Ysla, F. *op. cit.*, a debilidade destas aplicações ficaria clara quando se conver tessem em um exercício de engenho quase manual ou na expressão ortopédica das possibilidades de um repertório de elementos desizantes.

¹⁹ Grandes conjuntos de habitação social

²⁰ ARANTES, Otilia - *op. Cit.*, p. 196.

rejuvenescendo os vínculos com a tradição, enfim, construir um "lugar" - na acepção mais forte do termo - ou seja, dar forma ao informe, sem com isso querer ordená-lo, mas devolvendo-lhe a antiga dignidade, redescobrimdo por aí o fio perdido da continuidade histórica que lhe dá sentido...".²²

A inserção urbana atual de pequenos conjuntos de habitação social, assim como de qualquer outra arquitetura projetada parte do "esforço de salvação da cidade, e com ela da urbanidade, quem sabe até de uma vida pública perdida, conduzido discretamente, passo a passo, a partir de pontos nevrálgicos, escolhidos a dedo, seja por sua deterioração, seja, ao contrário, pelo significado de que poderia se revestir para a população local, servindo de ponto de irradiação (dando origem a uma 'metástase benigna', na expressão de Bohigas) que viesse a requalificar o entorno - *'ipso facto'* a relação das pessoas com o seu espaço e entre elas."²³

²¹ ROSSI, Aldo. *La Arquitectura de la Ciudad*. Barcelona: Gustavo Gili, 1983. pp. 273-283.

²² ARANTES, Otília.

Urbanismo em fim de linha, in: *Folha de São Paulo* Caderno Mais!, São Paulo: 05/07/1993, p. 6/10

²³ *Idem, Ibidem*.

I
N
F
R
O
D
U
Ç
Ã
O

S

O

T

E

I

O

R

B

projeto IMMEUBLE 96/100 Frédéric Borel

localização: 100 *Boulevard de Belleville*, 75020, Paris 20^e

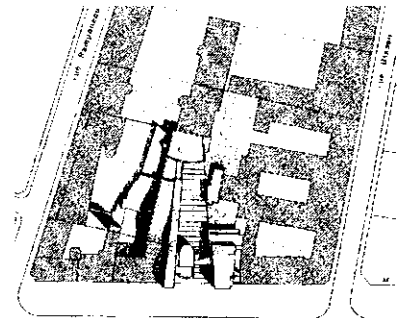
programa: 47 habitações, 7 comércios, estacionamento com 7 vagas

ano da construção: 1989

custo: 4360 francos HT/m² habitável

Como um de seus primeiros projetos habitacionais, este conjunto apresenta o conceito de "micro-território urbano", desenvolvido em realizações posteriores por Borel. Da longa colaboração no escritório de Christian De Portzamparc, resulta o *design* apurado e o trabalho sobre grandes temas: urbanidade, fragmentação, diálogo com a cidade, efetuados de maneira peculiar.

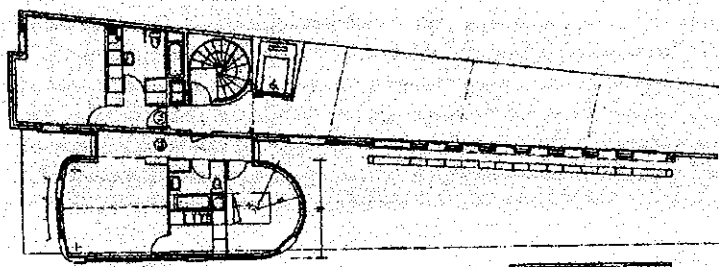
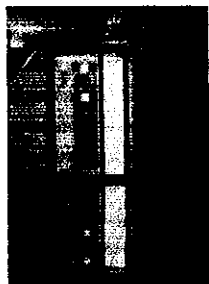
O edifício se insere num tecido urbano escavado, isto é, um quarteirão marcado por edifícios alinhados sobre a calçada, que criam uma fachada externa densa e regular, protetora de pátios internos às vezes intercomunicantes. A atitude de Borel, ao abrir o grande pátio interior para o *boulevard*, cria um novo centro de gravidade para o conjunto. Da mesma maneira, os edifícios propostos localizam-se sobre os muros de divisa,



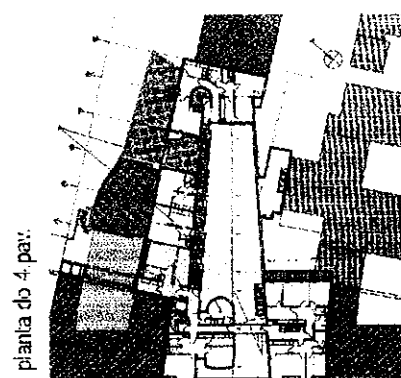
implantação
BOULEVARD DE BELLEVILLE



abrindo janelas que revelam, pela transparência, os pátios vizinhos. Esta dilatação espacial, gradativa do mais público ao mais privado, ao questionar os limites de propriedade, propõe uma nova forma de urbanidade, uma vida intra-quarteirões e inter-espços privados, relativizando fronteiras.



planta do 3.º pav.



planta do 4.º pav.

Visto da rua, o conjunto é a própria imagem da diversidade. Divide-se em três edifícios, cada um expressando seu vocabulário formal e de materiais que, num jogo de gabaritos e alinhamentos, preservam o existente e propõem o novo.



O conjunto oferece apartamentos duplex com orientação transversal e organizados de maneira convencional: acesso à habitação no nível da cozinha e estar intercomunicantes, tendo acima um ou dois quartos e sala de banhos. Por outro lado, Borel propõe espaços particulares externos à habitação que podem se tornar lugares autônomos para a própria família ou um escritório isolado, gerando expansões para o espaço de moradia ou a proximidade com o local de trabalho.

Para Borel, repensar a moradia social, mais do que o trabalho sobre a célula, é a preocupação relativa à sua inserção no tecido da cidade e as qualidades decorrentes dos suas diferentes esferas - pública, coletiva e privada.

projeto HABITAÇÕES RUE DES MEAUX Renzo Piano

localização: 64 *bis et ter*, rue de Meaux, Paris 19^o

programa: 220 habitações e comércio

ano de construção: 1991

custo: 6000 francos TTC/m² habitável (valor 1991)

²⁴ Aparece aqui a referência a antigas vilas, como por exemplo a *villa Adrienne*, na *avenue du Général Leclerc*, Paris 14^o, em que o ideal de vida tranquila inserida na cidade se faz presente.

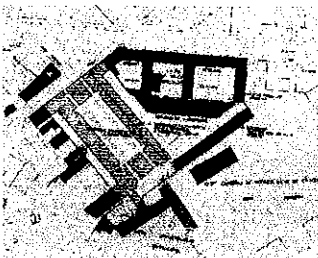
Habituação a projetos no setor industrial e terciário, Renzo Piano responde a esta operação com seus reconhecidos conhecimentos técnicos e uma análise racional do projeto.

Dentro do 19^o *arrondissement* em Paris, a rue de Meaux apresenta edifícios banais, alinhados sobre a rua - característica urbana da cidade -, antigas construções em terrenos e compridos, zonas de grande interesse para o Atelier Parisiense de Urbanismo em vistas de uma reestruturação.

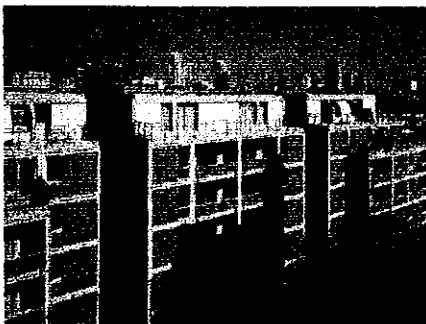
Enfim, diante da constatação de que a vida na grande cidade é cada vez mais cansativa, ruidosa, e distante da natureza, Piano pretende projetar um antídoto, na tentativa de associar a vida urbana às relações coletivas e à natureza.

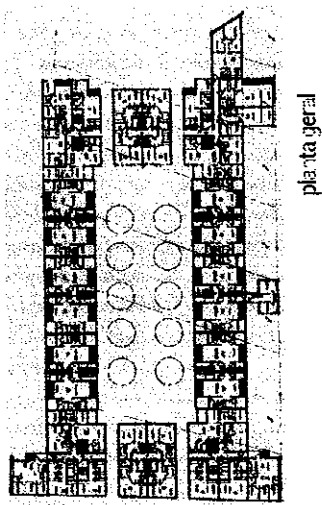
A postura com relação à discussão urbana constitui um dos pontos fortes do projeto. Implantado num terreno de 120 metros de comprimento e 60 metros de largura, o projeto prolonga o tecido urbano, alinhando três dos quatro edifícios sobre a calçada. Entre eles, duas vielas ligam a parte central do conjunto²⁴, um jardim de planta regular (25x66 metros), com a praça frontal, transformando-se em espaços

12

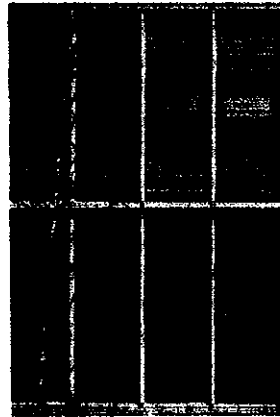


implantação





planta geral



²⁵ Composto de cimento e fibra de vidro, desenvolvido por Piano.

²⁶ "Habitation à Bon Marché", habitações baratas, conjuntos habitacionais realizados até a década de 50.

²⁷ Rev Techniques & Architecture n. 397. set. 1991.

semi-públicos.
A "construção da cidade" se faz também com a concepção de edifícios-pontes que se conectam aos existentes, mantendo suas proporções em uma linguagem distinta.

Esta operação distingue-se igualmente por suas características construtivas. Sobre uma estrutura de concreto tradicional são realizadas as estruturas das fachadas em painéis pré-fabricados de CCV (*Composite Ciment Verre*)²⁵, um material resistente e leve (45 kg/m³). Sobre elas, as superfícies opacas são realizadas em tijolos colocados diretamente sobre os painéis, um material integrante do patrimônio parisiense, em particular dos HBM²⁶ próximos à *rue de Meaux*²⁷. Concebidos em terracota, têm a cor e a textura do tijolo comum, mas as dimensões são superiores (43x18cm) e sua espessura inferior (1,2cm). Um material que responde a múltiplas funções: participa da cultura e da técnica, e tem uma história secular sob uma forma contemporânea. Inteiramente modulada, a construção parte de uma variedade de texturas e materiais para indicar as diversas relações entre interior e exterior, os usos do edifício e seus necessários graus distintos de permeabilidade visual - transparência, translucidez, opacidade. Brises de CCV para as circulações verticais, tijolos, vidros translúcidos e transparentes para as habitações, de acordo com a sua

²⁵ A planta básica é um *trois-pièces*: estar e dois quartos (além de sala de banhos, sanitário e cozinha)

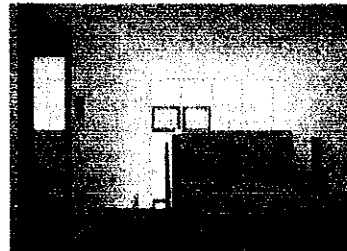
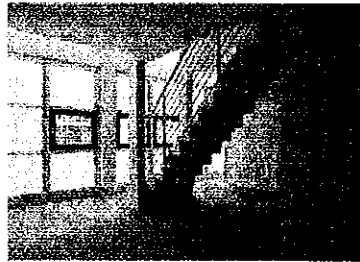
²⁹ A implantação do conjunto em duas barras mais dois blocos é também muito semelhante à praticada por Nouvel em Bezons. A referência de ambos arquitetos é, no entanto, indubitavelmente, a arquitetura habitacional coletiva proposta por Le Corbusier. Ver SPERLING, D., INO, A., TRAMONTANO, M. *Habitação Social na Obra de Jean Nouvel*, *op. cit.*

orientação.

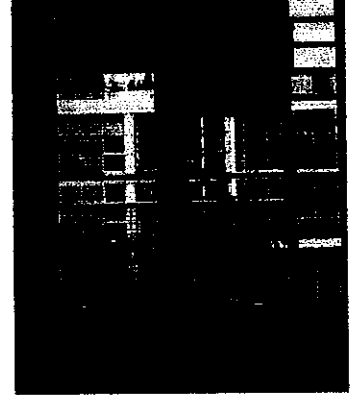
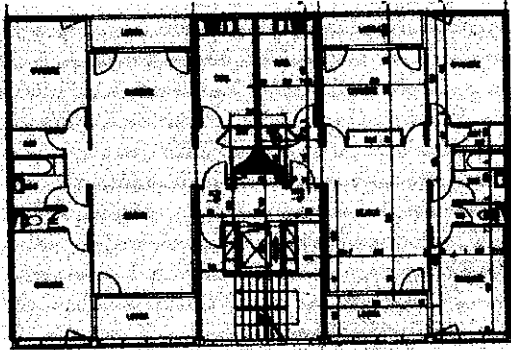
Apesar da declividade do terreno em direção à *rue de Meaux*, o conjunto se notabiliza pela unidade. A trama vertical de *CCV* ritma o conjunto de edifícios como um grupo de imóveis idênticos e justapostos, à maneira parisiense. Assim, cada fachada participa, com sua volumetria, da composição do conjunto e os andares em terraço prolongam os gabaritos de lado-a-lado.

As 220 habitações se dividem em duplex nas partes superiores e, em outras, no nível térreo, pensadas originalmente como *ateliers-moradias*, transformadas em *studios* com mezanino. As plantas das habitações não são exatamente inovadoras, mas são diversificadas - mais de quarenta tipos²⁸, todas transversais com dupla orientação, algumas vezes abertas de fachada a fachada, dispoindo de *loggias* protegidas dos olhares externos, reservadas dentro da espessura dos edifícios, que constituem espaços semi-abertos, verdadeiras extensões externas da habitação.

É interessante destacar dentre estes tipos uma configuração de *trois-pièces* aberta de



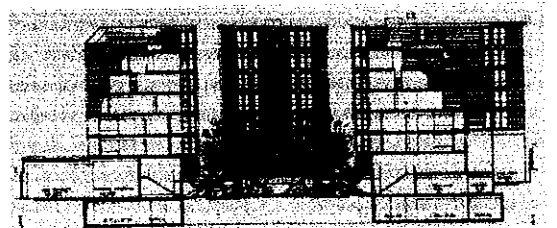
planta de habitações



fachada a fachada, muito próxima de uma das proposições de habitações de Jean Nouvel para a *Résidence Christophe Colomb*.¹² O estar no centro da habitação absorve também a circulação entre os outros cômodos, qualificando-se como o lugar de convívio da moradia. A modulação da estrutura concorre para a dupla orientação, e as *loggias* tem o mesmo papel dos jardins de inverno de Nouvel. Por outro lado, a maior compartimentação dos espaços e a inexistência de relação direta entre cozinha e estar ou espaços de repouso e estar permite entrever ainda algum apego à convencionalidade dos espaços de habitar franceses.

De qualquer forma, *rue des Meaux* retoma um dos temas importantes e, sem dúvida, mais profundos da obra de Renzo Piano: a simbiose da natureza, do espaço e da arquitetura, cuja conjugação é certamente inovadora em programas habitacionais urbanos.

cutte geral



projeto *IMMEUBLE-VILLAS* Jean Dubus e Jean-Pierre Lott

localização: *Zac Gandon-Masséna*, Paris 12º/75

programa: 84 habitações, 11 ateliers de artistas, estacionamento com 240 vagas

ano de construção: 1991

custo: 5500 francos HT/m² habitável

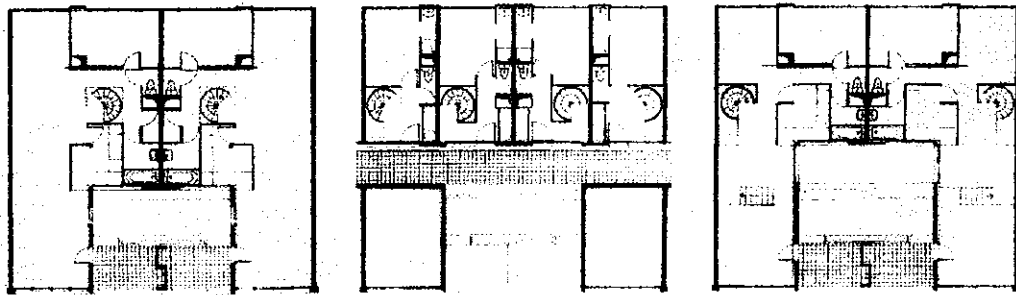
Em 1987, o governo organizou um concurso fechado para quatro equipes com o tema de *immeuble-villas* e a intenção de aproveitar uma fachada desenhada por Le Corbusier a partir de sua idéia de 1922. Inserido num quarteirão com edifícios verticalizados, o projeto se apresenta como o contraponto: uma barra e alguns anexos organizam a área, além de um espaço destinado a um jardim de uso público.

Os *immeuble-villas* são paradigmáticos na evolução da habitação francesa e referências obrigatórias no estudo da Arquitetura Moderna. Como um de seus exemplos máximos, a *Unité d'Habitation de Marseille* (1952), de Le Corbusier, expõe os princípios básicos dessa tipologia: racionalização estrutural, otimização dos volumes das habitações no edifício privilegiando a dupla orientação, o duplex como

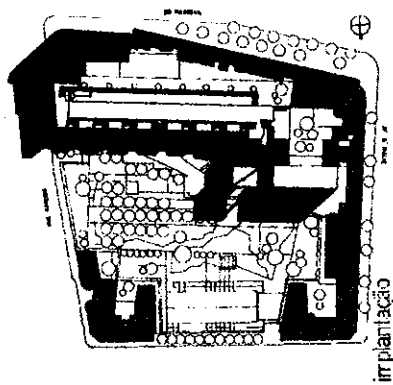
possibilidade de maior espaço e movimento na moradia, a incorporação de serviços - lavanderias, escolas, *ateliers* e lazer no edifício, entre as questões mais trabalhadas.

Atualmente este modelo de habitações





plataformas, inferior e superior



em
 barras tem sido
 retrabalhado, depois de
 quatro décadas, por arquitetos em
 alguns de seus projetos - entre eles,
 Dominique Perrault, Jean Dubus e Jean-Pierre Lott -
 através da assimilação dos conceitos básicos dessa
 configuração em operações menores, misturada a pesquisa de novas
 aberturas e novas relações espaciais dentro da moradia.

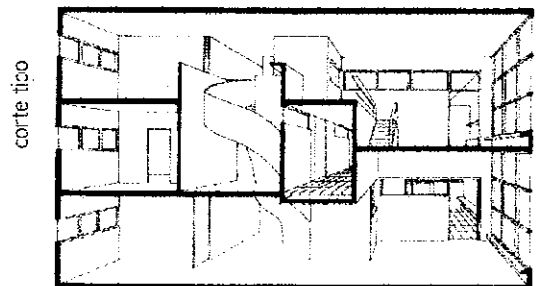
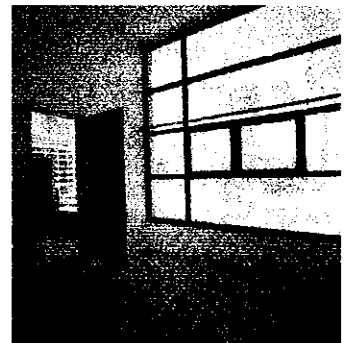
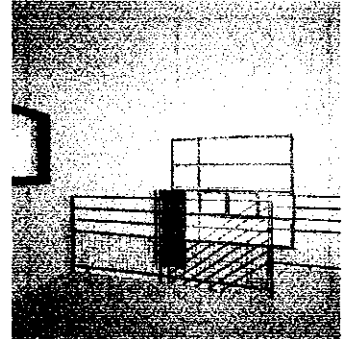
Com sua alternância de grandes janelas quadradas e de varandas, o projeto de Dubus e Lott apresenta diferenças em relação ao projeto original: as varandas fazem o espaçamento entre dois apartamentos com altura de um nível e meio ao invés de dois; concebidos como "falso duplex", corolário da idéia de grande espaço; a circulação é incorporada ao edifício ordenando uma organização de habitações que lembra, de forma mais complexa, o corte da *Unité* corbuseana. Respondendo ao discurso do terraço-jardim ou das varandas superpostas, os arquitetos insistem na dimensão coletiva do projeto através das qualidades de seus espaços. O princípio de organização em corte - uma circulação para três níveis - gera habitações em dupla altura, alternadamente ascendentes e descendentes e um maior contato entre as pessoas na circulação do dia-a-dia. Da mesma forma, a disposição da circulação próxima às varandas cria um poço de luz e uma possibilidade de contato entre

elas.

A varanda orientada na fachada Norte, torna-se extensão lateral do estar, realizando um contato físico entre interior e exterior, com a possibilidade de sociabilidade com a varanda vizinha. O estar ervidraçado em toda sua extensão - e um nível e meio de altura - traz a luz natural e a amplitude visual para toda a moradia. Orientadas transversalmente, as habitações tem uma continuidade de fachada a fachada, maior nas descendentes, privilegiadas pela ausência de desníveis, mas prejudicadas pela sensação de uma menor espacialidade no seu uso cotidiano. As salas de banhos, com possibilidade de orientação a Sul ou a Norte, recebem ventilação e iluminação naturais, não usuais na maioria dos projetos das habitações francesas pós-Segunda Guerra.

Todos os apartamentos contendo três cômodos (estar mais dois quartos, além de cozinha, sanitário e, neste caso, duas salas de banhos) podem fazer uso de sua profundidade e incorporar ao estar a função de mais um quarto - principalmente os apartamentos ascendentes em que o estar se divide em dois níveis. A entrada da habitação, que comumente acessa diretamente a cozinha, se faz, neste caso, por um *hall* em nível com um dos quartos, mas distinto do ocupado pela cozinha e o estar.

Sob uma organização racional moderna, característica de um *immeuble-villa*, o projeto de Dubus e Lott redefine algumas circulações e hierarquias existentes entre espaços, apresentando ao habitante relações incomuns na maioria das habitações sociais francesas, dando-lhe a sensação real de um habitar ativo e inserido num contexto coletivo.



projeto *SAINT-QUENTIN-EN-YVELINES* Dominique Perrault

localização: SCI Le Louis-Lumière, quartier de la gare, Saint-Quentin-en-Yvelines

programa: 36 habitações

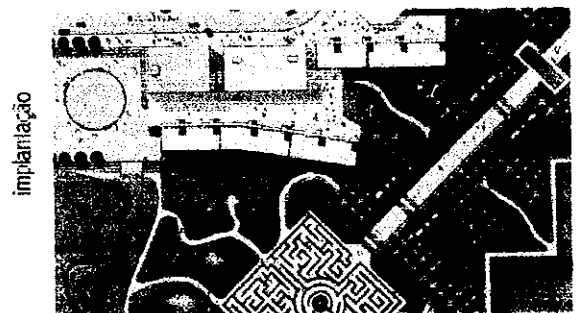
ano de construção: 1992

custo: 5500 francos HT/m² habitável

Sobre um plano de massas assinado pelo arquiteto italiano Massimiliano Fuksas, que entrelaça o construído, a água e o vegetal, Perrault implanta seu edifício. O programa desta operação não é comum: 36 habitações "de luxo" num concurso lançado por um promotor privado com o tema de *immeuble-villas*³⁰, inspirado em Le Corbusier.

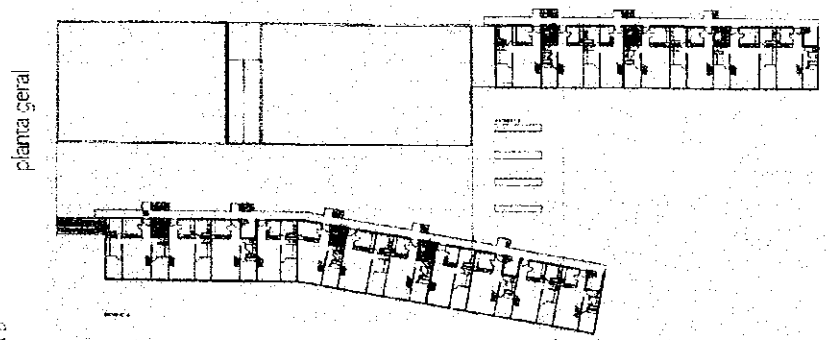
O projeto de Perrault se divide em duas barras paralelas, com vistas para um parque público. Uma agrupa 22 habitações e a outra, 14, em um volume compacto de quatro pavimentos. Uma trama de paredes portantes libera espaço para grandes áreas de estar em duplex com mezanino. Os quartos são colocados ao lado do estar em um ou dois níveis, de acordo com o tipo da habitação, com superfícies habitáveis entre 90 e 150m². A orientação Leste-Oeste dos edifícios permite situar ao Sul as fachadas inteiramente envidraçadas dos espaços de estar e dos quartos, localizando as áreas de serviço na

³⁰ A palavra francesa *villa* designa a casa burguesa unifamiliar isolada. O nome "edifício-villa" (*immeuble-villa*) pressupõe que este é composto por células de habitações cujas dimensões e conforto assemelham-se mais aos da casa isolada do que aos dos apartamentos convencionais.



implantação

fachada Norte. Ao Sul, uma ossatura de alumínio laqueado preto divide três diferentes tipos de vidro - transparente, translúcido, semi-opaco - em um ritmo sistematizado e rigoroso que lembra Mondrian, e que revela muito visivelmente a união de habitações idênticas e a alternância de habitações largas e estreitas - de 3 a 6 cômodos - sublinhando o caráter abstrato do edifício. Com 5 metros de altura, as aberturas dos espaços de estar integram grandes painéis corredeiros: uma estocagem móvel os protege do sol. A Oeste, a fachada em tijolos evoca uma expressão dos anos 50 da arquitetura moderna norte-européia.



Nestas barras prismáticas não há nenhum espaço mediador entre a habitação e o exterior, realizando a anti-
 "fachada espessa", a negação de toda uma pesquisa arquitetônica - e sociológica - sobre os usos dos espaços da habitação e seus prolongamentos, o que não acontecia na versão proposta para o concurso. A configuração não é, no entanto, habitual: as paredes brancas laterais terminam sobre a folha de vidro da fachada que não estende com balcões ou entradas quaisquer. Um grande pano de vidro em toda a altura da habitação, uma parte fixa e outra corredeira, abre a habitação para o parque. Uma relação direta dos olhares exteriores com os corpos interiores que desenvolve um espaço e um uso com limite peculiar de intimidade, mas original e interessantes à pesquisa sobre a habitação convencional, esta pouco acostumada a ambiência dos ateliers de artistas ou escritores - possível referência do projeto - e sua relação direta com a paisagem.



Todas as habitações são duplex, orientadas para o parque. Em meio a proposições comuns - entrada pela cozinha iluminada naturalmente, comunicação entre cozinha e área de estar através de uma janela interior, a existência de separação física clara entre os ambientes -, alguns pontos apresentam o interesse da inovação: uma sala de banhos iluminada naturalmente, a presença de um quarto de vestir, um estar com pé-direito duplo e com dimensões maiores que as usuais, ligado a um mezanino, e, por fim, as próprias dimensões da habitação: 90m² para a de 3 cômodos e 150m² para a de 6 cômodos, totalmente inabituais em programas de moradias de interesse social.

Este *immeuble-villa* retoma, de certa forma, o tipo de habitação preconizado por Le Corbusier - habitação duplex, orientação transversal, otimização dos volumes habitáveis no bloco do edifício - mas se beneficia de ser o produto de um empreendimento privado que o livra das exigentes normas da habitação social estatal. A planta, o volume, a distribuição de certos espaços - estar, sala de banhos, quarto de vestir - propiciam um atrativo de uso e uma possibilidade de movimento comparável ao da habitação "não social", de contato físico com o sol e relação visual com o parque.

O interesse desta realização está na mistura de elementos ditos convencionais e do vocabulário da habitação moderna, com propostas que mantêm um distanciamento quase experimental com relação aos modelos tradicionais e a vários projetos contemporâneos, resultando em um espaço misto, dividido entre as relações de uma habitação tradicional e a dupla necessidade de individualidade e agregação social da vida contemporânea.

projeto *ATELIERS D'ARTISTES À PARIS 13^e* Yann Brunel

localização: 128, *rue du Château-des-Rentiers, Zac Lahire, Paris 13^e*

programa: 6 habitações-ateliers de artistas

ano de construção: 1992

custo: 6700 francos HT/m² habitável

Através do sistema de contratação direta, a *Regie Immobilière de la Ville de Paris*³¹ confia o projeto destas habitações a Brunel, um arquiteto com larga experiência em arquitetura de madeira, inclusive com passagem pelos países nórdicos.

A presença de pedras no sub-solo levou à concepção de um edifício leve, todo em madeira, estruturado sobre uma fundação do tipo *radier*. Encravado no centro de um conjunto de construções dos anos 70-80 - escritórios, habitações, escola - em concreto armado, o projeto impõe rigor geométrico e o material madeira, mantendo distância do entorno, evitando uma assimilação direta, mas em relação com os edifícios existentes.

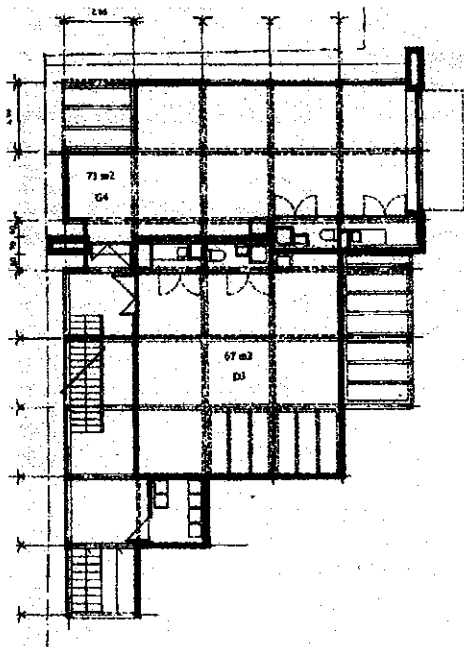
Os *ateliers* se desenvolvem em três níveis de 3 metros de altura cada um, com acesso direto por uma escada externa - uma espécie de passarela. A estrutura em laminado colado - de secção 0.20mx0.20m, modulada por uma trama de 2,85 m, simétrica -, é acompanhada por uma assimetria dos detalhes, obtida por um jogo de

³¹ Administração
Imobiliária da
Cidade de Paris





³² Ver *Techniques & Architecture* n. 404, nov 1992, pp. 74-76.



planta do 1.º pav.

alturas, de justaposições, de transparencias e de opacidades. As janelas em vidro translúcido e os caixilhos que funcionam como contraventamento, desenham fachadas de nove quadrados envidraçados, opendo-se aos painéis de baquelite preto.

A realização de um conjunto de *ateliers* em madeira já revela, por si só, uma postura inovadora. Em meio a uma cidade densa de pedra e concreto, Brunei propõe a leveza da madeira, um material que, segundo ele, apresenta propriedades extraordinárias: a mudança de cor de acordo com a estação, ao lado de um mesmo grafismo, um mesmo rigor e a mesma maneira de trabalhar em cada construção. Além disso, o material permite a leitura clara da estrutura - tanto do interior como do exterior - em uma obra em que a racionalidade implica o recurso à geometria e exclusão do supérfluo.³² Para assegurar a isolamento térmica são usados painéis sanduíche (madeira, lã de vidro, baquelite ou concreto leve) de 15 cm de espessura.

Cada atelier, com cerca de 70m² e várias orientações, é formado por uma superfície de trabalho e vivência, e um bloco de serviços composto por cozinha e sala de banhos. O conjunto materializa, ao mesmo tempo, a tendência contemporânea da inserção do trabalho no espaço da moradia e traz à lembrança a tradição construtiva japonesa baseada numa acentuada concepção da adaptabilidade do

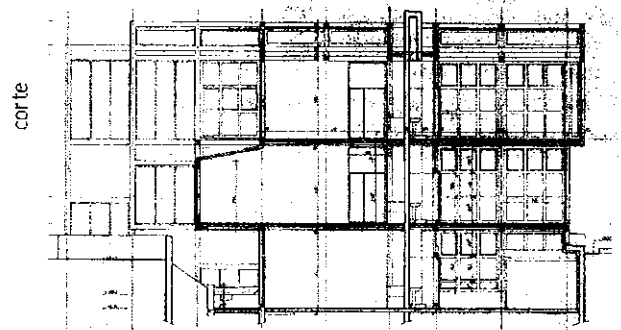
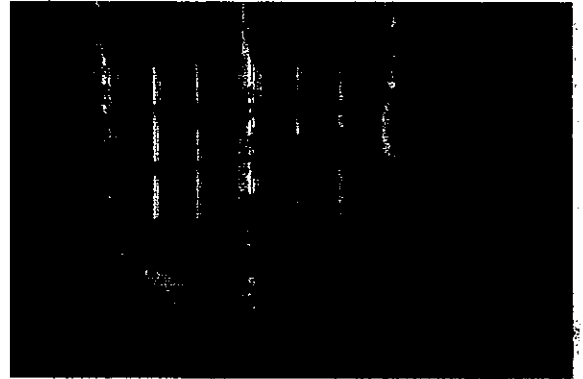
espaço aos usos cotidianos.

O *atelier*-habitação é concebido com uma divisão bem definida: um bloco de serviços menor abre-se diretamente para uma grande área servida de planta retangular. Esta abriga funções de estar, dormir e trabalhar.

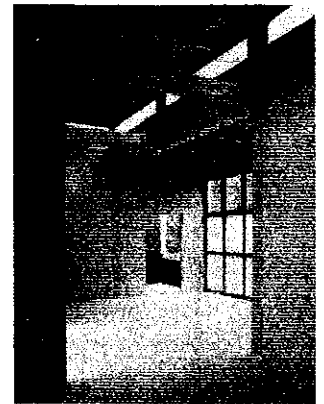
Contrariamente à maioria dos *ateliers* de artistas, onde as funções habitar e trabalhar situam-se em níveis distintos ou são separadas por divisórias, nos *ateliers* de Brunel elas mantem estreita relação, acontecendo simultaneamente como atividades indistintas, determinadas apenas pelas necessidades do artista-habitante.

O tema do trabalho em casa - ou de sua configuração contemporânea, o tele-trabalho - incita a questões tanto do ponto de vista do espaço como do âmbito social e profissional, obrigando os arquitetos contemporâneos a redefinir os limites entre o privado e o público na habitação³³. Para Brunel,

as áreas servida e de serviço são passíveis de uso restrito pelo habitante-artista ou uso aberto às pessoas relacionadas ao seu trabalho, subvertendo a hierarquia da habitação tradicional, ou mesmo de grande parte dos *ateliers*: A iluminação necessária a este tipo particular de trabalho redefine a relação entre fechamentos opacos, translúcidos e transparentes, possibilitando espaços menos introvertidos, abertos à visão do exterior.



³³ Ver ELEC-VIDAL, M; CHÂTELET, A.M.; MANDOUL, Th. - La place des nouvelles technologies... In: *Penser l'Habité, le logement en question*, Liège: Pierre Mardaga, 1988. pp. 115-120.



projetos OPERAÇÃO LA POSTE



projeto Philippe Gazeau

2ª Segundo a
Revista Architecture
Intérieure Créé n.
233, dez 89/jan 90

12 "La qualité représente pour nous un ensemble d'éléments indissociables. Nous souhaitons tout autant un travail esthétique sur l'enveloppe des bâtiments qu'une conception avancée sur le logement et équipements de la Poste. De ce programme vont émerger des architectures variées dont le dénominateur commun est la modernité. Pour autant, on n'assistera pas à la production d'objets, car, comme nous, les architectes sont sensibles à l'exigence d'intégration urbaine. Celle-ci, loin de se traduire par un

La Poste, o Correio Francês, uma instituição rica e consciente do valor de seus terrenos e imóveis espalhados pela cidade de Paris - um patrimônio de 600 milhões de francos" - e preocupada com a necessidade de moradia de seus funcionários, lança um programa de construção de habitações na cidade. A vontade de otimização deste patrimônio conduz a seleção de vinte e três terrenos, e à união de dois programas: habitações e agências postais.

Em outubro de 1988, Paul Quilès, Ministro das Telecomunicações, lança o programa "1500 habitações sociais dentro de Paris para os Correios" reforçando seus objetivos principais: "A qualidade representa, para nós, um conjunto de elementos indissociáveis. Desejamos ao mesmo tempo um trabalho estético sobre o envelope dos edifícios e uma concepção avançada na habitação e equipamentos dos Correios. Deste programa emergirão arquiteturas variadas cujo denominador comum é a modernidade. Para isso, não se assistirá a produção de objetos, já que, como nós, os arquitetos são sensíveis à exigência de integração urbana. Longe de se traduzir unicamente por um respeito simplista às regras de urbanismo, esta integração pressupõe uma reflexão profunda sobre o 'atrito' entre o projeto e seu entorno. Uma retomada modernizada do vocabulário arquitetônico existente aqui, um prolongamento visual de um beco ali, uma transição entre duas formas opostas acolá. Tudo isto conforta, valoriza, enriquece a paisagem urbana de Paris, e permite ao espectador e ao usuário ver e entender."

Destacamos três destes objetivos: o trabalho sobre o envelope da construção, a pesquisa sobre a célula de moradia e a importância da inserção urbana. Para esta operação, entre trrentas equipes candidatas, são escolhidas em concurso "dez equipes de jovens

unique respect simpliste de règles d'urbanisme, relève d'une réflexion approfondie sur le 'frottement' du projet à son environnement. Ici c'est une reprise modernisée du vocabulaire architectural existant, là, c'est un prolongement visuel d'impasse, ailleurs, c'est une transition entre deux formes opposées... Tout cela conforte, valorise, enrichit le paysage urbain de Paris et donne à voir et à comprendre au spectateur et à l'utilisateur." In: Revista *Architecture Interieure Cree* n.233, dez 89/jan 90, p.151



projeto Michel Bourdeau

26

arquitetos - geração de menos de 40 anos - e com uma particularidade: terem participado de um ou mais PAN-PLA Paris³⁵, o que pressupõe domínio sobre o programa da habitação social, sobre intervenções em sítio urbano, mas também inventividade e um olhar crítico sobre as realizações convencionais. No que concerne a habitação, era necessário identificar bem os futuros locatários social e economicamente, para aprofundar a pesquisa de uma célula adaptada a seus desejos. Os *postiers*, como são conhecidos os funcionários dos Correios na França, são, em sua maioria, jovens de 20 a 30 anos, solteiros ou recém-casados, com a possibilidade de ter um filho. A análise estatística desta população possibilitou a determinação dos tipos de habitações necessárias: um terço de *studios*³⁶ e dois terços de *deux-pièces*,³⁷ com superfícies 20% superiores às normas de referência³⁸. A operação coloca o problema de uma necessária evolução do desenho da habitação, que deve adaptar-se a uma célula familiar cada vez menor. O espaço "en plus", discriminado no programa, suscitou várias interpretações, desde um estar ampliado até um cômodo suplementar com função determinada *a posteriori* pelo modo de vida do habitante - pequeno escritório, quarto dos filhos, sala de tv, etc..

Da operação La Poste destacamos cinco projetos de características distintas de forma a registrar várias respostas ao problema da habitação social e permitir a apreensão da diversidade de soluções possíveis, dos arquitetos Michel Bourdeau, Philippe Gazeau, Patrick Chavannes e Manuel Delluc, de Frédéric Borel e do escritório Canale 3.

A alta densidade exigida pelo programa implicou na ocupação máxima de cada terreno definida pelo Plano de Ocupação do Solo, gerando soluções diversas. Um primeiro grupo integra uma faixa que separa a construção em dois volumes distintos tendo como possíveis critérios a luminosidade natural, as vistas, o diálogo com um edifício existente, uma transparência até um pátio interno, o movimento produzido pelo

possível percurso entre a via pública e o espaço privado, a operação dos limites da estrutura, a surpresa espacial na massa construída do quarteirão. Um segundo conjunto de normas agrupa os dois programas em um volume que regula o alinhamento contínuo junto à calçada, adaptando-se às exigências da legislação. A inscrição urbana demonstra a concepção de que a arquitetura não existe isoladamente, mesmo em se tratando de habitações sociais.

Segundo Bernard Huët³⁶, os sítios de implantação dos projetos do programa La Poste respondem cada um a uma lógica diferente, devido ao contexto urbano em que se inserem, mas situam-se longe da neutralidade. Todos os terrenos colocam o mesmo problema: ocupar uma falha deixada nos alinhamentos construídos, e as abordagens são muitas mas passam, basicamente, por duas posturas distintas. A primeira, contextualizadora, refere-se às construções vizinhas: gabarito, organização e alinhamentos são analisados e incluídos como

referências na concepção do novo edifício, introduzido num volume pré-determinado, integrado, em parte, por mimetismo. A segunda, inversamente, consiste em retirar-se completamente do contexto, criando um elemento urbano surpresa que se torna um forte acontecimento na rua.

A integração urbana passa, para Huët, por vários caminhos e as duas atitudes citadas, ao invés de se oporem, justificam-se conforme o caso: a pobreza formal das fachadas de certos quarteirões incitam mais a uma metamorfose do que a uma repetição do existente, em um acordo que permite renovar a tipologia sem destruir o nível mínimo de coesão indispensável à harmonia de uma vista perspectiva.³⁷

³⁶ Realizado pela *Société "Toit et Toit"*, uma sociedade anônima de HLM (*habitation à loyer modéré* - habitação de aluguel moderado) e que, por isso, não está sob as mesmas normas de um escritório público (*Office Public des HLM*).

³⁷ PAN-PLA-PARIS, Programme de Architecture Nouvelle - Plan Locatif Aidée - Paris. Concursos habitacionais iniciados na década de 70 que tinham por base a reflexão sobre novas configurações do espaço de morar e a dimensão urbana da arquitetura

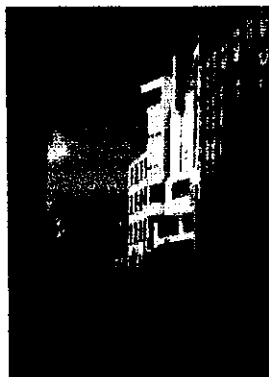
³⁸ Equivalente às *kitchennettes* brasileiras.

³⁹ Equivalente ao sala-quarto-cozinha banheiro brasileiro.

⁴⁰ Segundo *Revista Architecture Interieure* Cree n. 233, dez 89/jan 90

⁴¹ HUËT, Bernard. *Concours de Circonstances* In: *Rev Techniques & Architecture* n.410, nov 93, p.65.

⁴² *Idem, ibidem*



projeto Frédéric Borel

⁴³ HT="Hors Taxes",
excluídos impostos.

⁴⁴ Muito comum nos
apartamentos franceses, a
presença do *hall* de entrada
parece ser uma concessão ao
desenho convencional, porém
traz à habitação o sentimento
de "*habiter grand*" (habitar

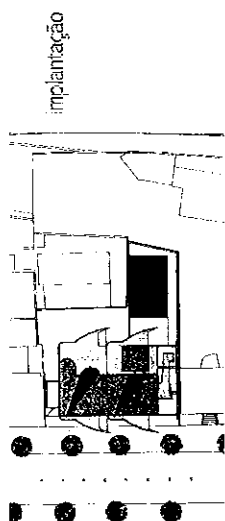
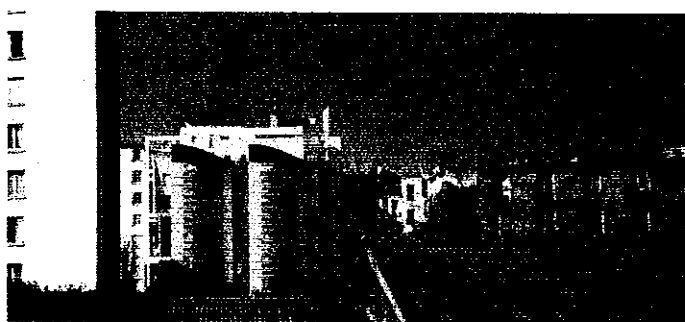
projeto *COUPLE-PLUS* Michel Bourdeau

localização: 132, *rue des Pyrénées*, Paris 11^e

programa: agência de correios, 34 habitações, 36 vagas de estacionamento

ano de construção: 1991

custo: 11700 francos HT/m² habitável (valor maio 1991) ⁴³



O projeto de
Bourdeau parte da
dissociação brutal com o
entorno, apresentando-se como
elemento diferenciador. O edifício de
habitações instala-se na linha de topo de
uma colina, marcando fortemente a paisagem.

Um sistema de lâminas à maneira de "orelhas"

concentra a força do projeto, traduzindo-se em
paredes oblíquas às fachadas principais que agregam as
respostas para as questões colocadas no programa: o
tratamento da pele do edifício, a sua inserção e a reflexão
sobre a organização interna.

Este dispositivo tira o aspecto de caixa das habitações,
criando espaços com planta não ortogonal, suscitando
novas apreensões espaciais e perspectivas interiores
inusuais. Numa pequena área, o arquiteto alia a novos
desenhos de espaços um novo enquadramento de
vistas: a moradia se prolonga em fachada através de
finas aberturas horizontais e as vistas exteriores não
são frontais, como de hábito, mas direccionadas. Em
contrapartida, visto da rua o edifício parece abrir-

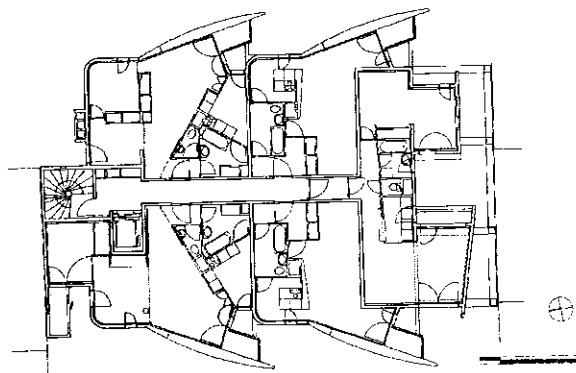
... como um mecanismo que, através de grandes *trises* *reflet* *terre* e *oculto* o seu interior, insistindo no carácter inovador do programa.

A opção pelas tiradas da fachada resulta numa organização simétrica dos pavimentos que relaciona as habitações a uma distribuição central e logo da orientação transversal - comum e muitas vezes recomendada, na França - presente em conjuntos habitacionais.

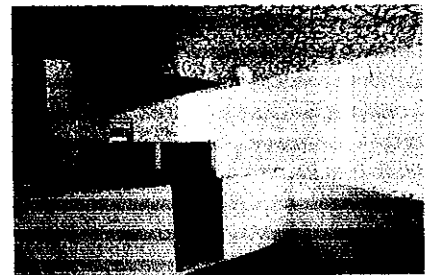
A planta da habitação se organiza pela somatória de cômodos principais - estar, quarto, cozinha, sala de banhos - e de micro-espços - *hall* de entrada¹¹, prolongamentos exteriores, angulações das paredes - trabalhando no limite entre um *studio* e um *deux pièces*. Por outro lado, a moradia se articula em torno de um ampliado espaço de estar - o "*plus*" pretendido pelo arquiteto - ao qual se conectam os diversos cômodos, separadamente, sem qualquer relação física ou visual direta, lembrando as habitações ditas convencionais.

Bourdieu parece não se propor o redesenho total do funcionamento da planta - mas a apreensão que se tem deste espaço, através na redefinição de visuais e aberturas denotando a importância da iluminação natural¹², alterando sua espacialidade e a relação interno-externo. Da mesma forma, é atribuída importância à imagem do edifício, não mais condenado a ser uma caixa ou uma barra modernas, mas um edifício de carácter urbano.

confortavelmente). Este espaço de distribuição e circulação ocupa, na história da habitação urbana francesa, um lugar de destaque, tendo, inclusive, desempenhado as funções de sala de refeições já no século passado, quando os apartamentos burgueses menos pomposos ainda não dispunham de cômodo específico para este uso.



planta habitações



projeto *RUE J.-B. DE LA SALLE* equipe CANALE 3

localização: 13, *rue Saint-Jean-Baptiste de la Salle*, Paris 16^e

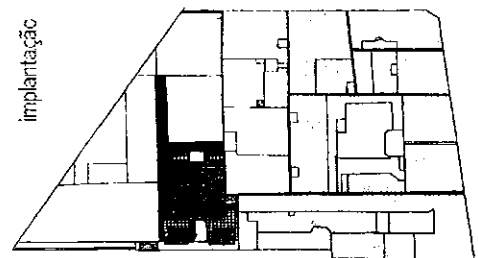
programa: 24 habitações e garagem

ano de construção: 1992



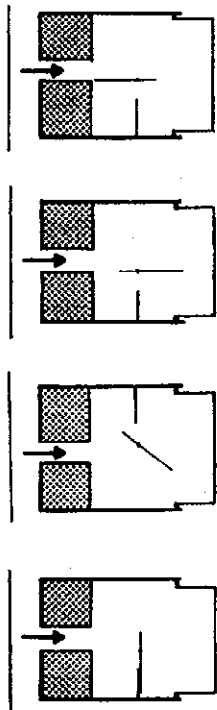
⁴⁵ A luz natural tem grande presença no espaço de estar e na cozinha, em contrapartida não foi cogitada na sala de banho, algo já proposto por outros arquitetos como, por exemplo, Jean Nouvel. Ver SPERLING, D., INO, A., TRAMONTANO, M. *Habitação Social na Obra de Jean Nouvel: seus contextos, suas propostas, suas consequências*. Relatório Final de Iniciação Científica. São Carlos: EESC-USP/CNPq, 1996.

⁴⁶ Ver SPERLING, D., INO, A., TRAMONTANO, M. *Habitação Social Francesa: evolução recente e propostas atuais*. EESC/USP, relatório de iniciação científica. São Carlos: EESC-USP/CNPq, vol. 1, 1997. e TRAMONTANO, M. *Novos modos de vida, novos espaços de morar*. São Carlos: EESC-USP, 1993. Lion e Leclercq propõem a divisão da planta da habitação em duas faixas: uma 'ativa', na fachada, compreendendo os serviços e as instalações, e outra 'passiva', uma zona servida central, abrigando espaços de dormir e de estar, que recebe as informações exteriores: TV, computador etc.



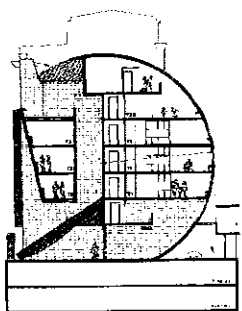
A implantação do edifício assegura o alinhamento dos gabaritos vizinhos através de dois pórticos e da continuidade sobre a rua.

Ocupando a totalidade do terreno, o edifício tem sua fachada posterior tratada como um cilindro de metal evitando uma forte confrontação com os volumes vizinhos. Entre os dois pórticos, uma escada realiza o acesso às habitações (*studios, deux pièces e deux pièces duplex*) Por outro lado, da mesma maneira que o projeto de Philippe Gazeau, tanto o *design* da fachada, em painéis de alumínio, como o das peças complementares - ventilação da garagem, aberturas, pórticos - colocam, voluntariamente, lado a lado, representações de épocas passadas e da atualidade, enriquecendo a paisagem através de um vocabulário arquitetônico pouco comum em



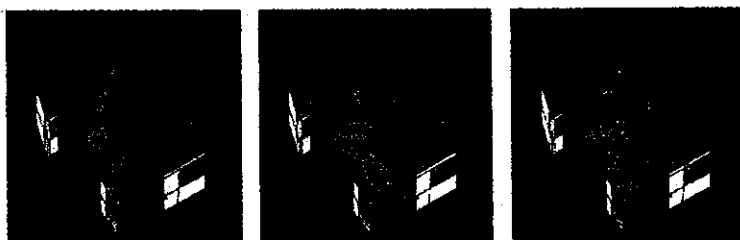
variações de plantas

projetos habitacionais de interesse social franceses. Organizadas em torno de um poço de luz, as habitações têm somente uma orientação - para a rua, para o poço ou para os fundos do edifício - privilegiando o espaço de estar como o lugar da luz natural, restando à cozinha um pequeno enquadramento de luz e de ventilação natural, e à sala de banho, a iluminação e a ventilação artificiais. O estar ganha importância no projeto pois, além das janelas em extensão, funcionando como *bay-windows*, o espaço se articula através de uma divisória central giratória que pretende conferir flexibilidade à sua organização e ao seu uso. Permite, ocasionalmente, a definição de uma área de relações ou de trabalho, mas não o isolamento do estar. Neste caso específico, uma questão se coloca: a mobilidade do painel não desaparece, na maior parte do tempo, transformando-o em parede fixa por comodidade? Mesmo que isto ocorra, a equipe Canale 3 dota a habitação de um mecanismo flexível com diversos agenciamentos de planta, de acordo com a necessidade ou o modo de vida do habitante, que define o direcionamento da parede e, conseqüentemente, a disposição de seus móveis e a maneira de viver em cada um dos espaços adjacentes a ela.



corte

Em certa medida, o projeto do Canale 3 dialoga com os conceitos colocados por Yves Lion e François Leclercq em seu projeto "Bande Active", ao dividir a habitação em uma zona de serviços - cozinha, sala de banhos e espaço de trabalho -, um bloco técnico que se atravessa ao entrar na habitação, e uma zona servida, o grande espaço de vivência e relação com o exterior não-adjacente.





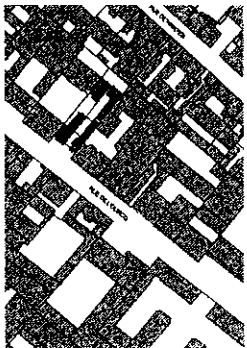
projeto *RUE DE L'OURCQ* Philippe Gazeau

Localização: 46, *rue de l'Ourcq*, Paris 19^e

programa: 26 habitações

ano de construção: 1993

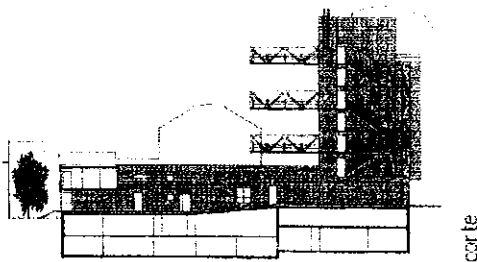
custo:



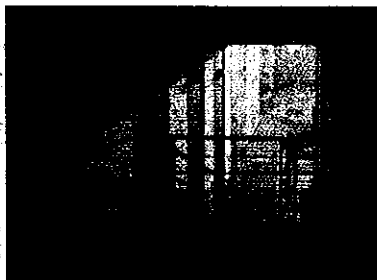
implantação

Implantada em terreno laminar de 15 metros de largura, a intervenção se divide em três edifícios, um ao fundo, outro sobre a rua e o terceiro ocupando uma faixa em toda a profundidade do terreno. Entre os dois edifícios implantados em relação com a rua, com um recuo de quatro metros em relação ao alinhamento dos prédios vizinhos, uma grande "janela urbana" abriga as escadas metálicas que servem as habitações. Não se trata exclusivamente de uma circulação: as grandes plataformas-terraços são lugar de encontro e estar, prolongado sobre o jardim interno, e a vista se estende pela cidade. Pelo nível térreo da "falha" acessa-se o edifício situado ao fundo do terreno, precedido por um pequeno jardim. O conjunto agrega esta "falha urbana" e tem nela seu diferencial. No intrincado e fechado pano de fachadas de pedra da Paris haussmaniana, o projeto

32



corte



com uma planta, um
híbrido, oferecendo uma
transparência e leveza.

Os materiais - tijolos cerâmicos
escuros, telhas de alumínio antra-
cineza, venezianas deslizantes de madeira, terraços
misto madeira/alumínio e tarumbas - contribuíram à
inovação deste pequeno conjunto dentro da
parceria do bairro.

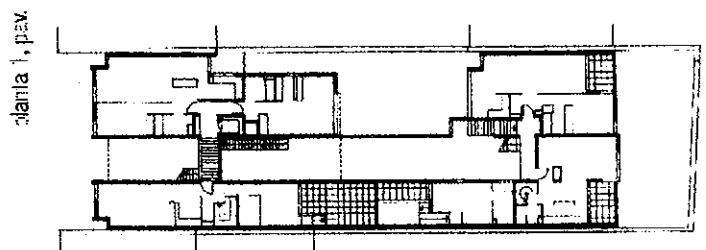
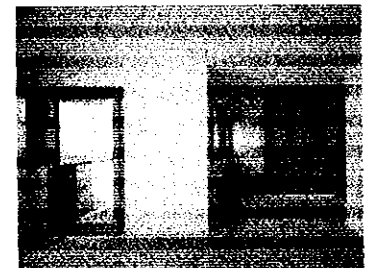
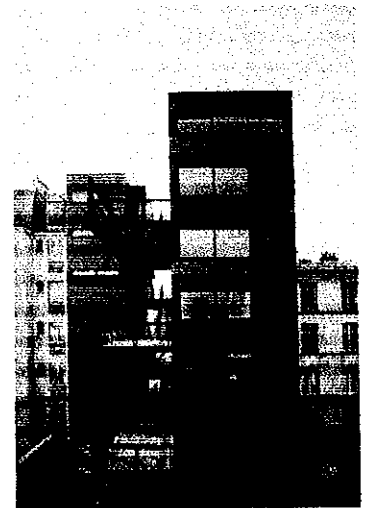
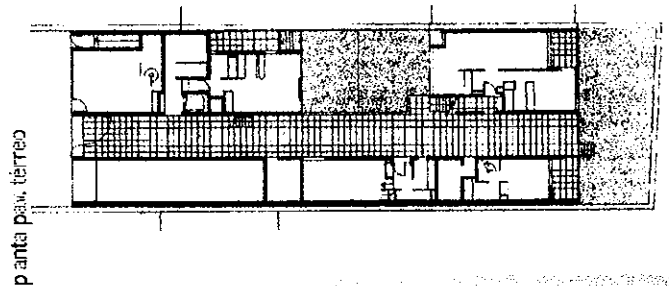
Os apartamentos, todos com distribuição interna específica
do *studio* ao *duplex* - com dupla vista e tripla orientação.

Os duplex ocupam os pavimentos superiores. O desenho das
habitações caminha para um número de divisões internas,

como se fossem concebidas na forma de um bloco ao
qual são somadas paredes divisorias que direcionam os
fluxos, os usos e o olhar, privilegiando o contato com
a luz natural, a animação e o movimento.

importantes dentro do habitar. Neste sentido, a
cozinha tem ligação direta com o estar, mas
também a solução em duplex permite aos
ocupantes a visão através dos diferentes
níveis.

Por fim, a implantação do edifício
questiona os bruscos limites entre
público e privado, geralmente
impostos pela estrutura urbana,
colocando neste meio um espaço
de uso coletivo, propiciando
novas relações sociais e o
contato com a cena urbana.



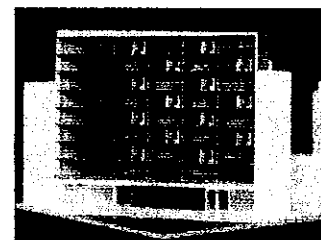
projeto *AVENUE DAUMESNIL* Patrick Chavannes, Manuel Delluc

localização: 168, *avenue Daumesnil*, Paris 12^e

programa: 29 habitações, agência do correio e 38 vagas de estacionamento

ano de construção: 1993

custo: 12000 francos HT/m² habitável (valor 1993)



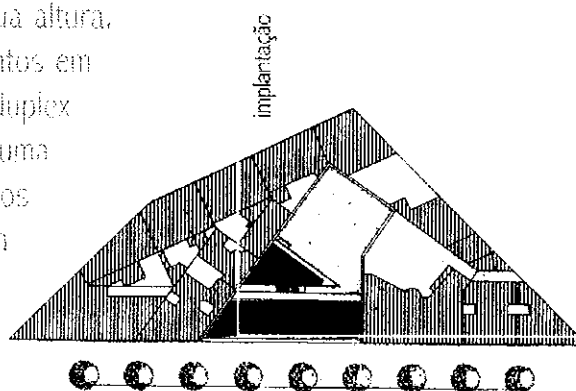
O projeto está fundamentado na transparência literal da agência de concios e dos interiores das habitações empilhadas na fachada envidraçada em toda a sua altura.

O posicionamento dos apartamentos em fachada, associado à opção pelo duplex como célula-base, torna o edifício uma somatória de generosos espaços cênicos. A dinâmica espacial própria

de um espaço de dupla altura realiza a mobilidade através de uma escada na fachada e, também, por um jogo de painéis móveis que deslizam sobre a fachada transparente trazendo certa intimidade ao nível

superior da habitação. permite a sua orientação transversal. O grande painel de vidro da fachada é animado também pelo deslocamento vertical dos duplex complementado por grandes barras horizontais de alumínio, estabelecendo uma imagem muito distinta daquela dos conjuntos habitacionais convencionais.

A transparência desta quase 'vitrine da intimidade das moradias' - incomum em projetos de

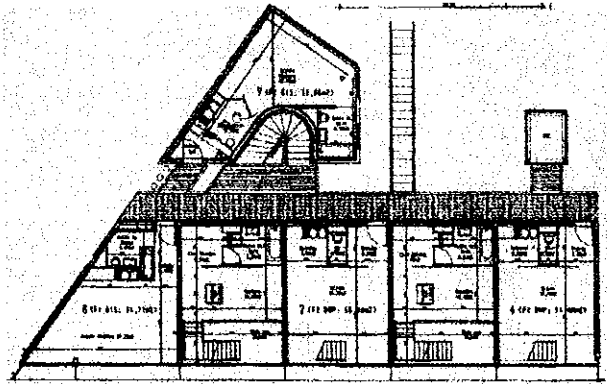




habitação social - pode ser, talvez, justificada pela generosidade da área de 63m² dos apartamentos *deux-pièces*, e pelo desejo do arquiteto de subverter posturas e cânones de uma habitação social que destina-se, agora, a abrigar pessoas vivendo de maneira também nova.

A orientação transversal dos apartamentos permite, ao mesmo tempo, o contato com a rua e com o pátio interno - local do convívio coletivo por excelência - ao qual ligam-se por passarelas-decks de circulação. A estreita relação público-privado proposta pelas habitações sobre a rua, além de reconstituir o alinhamento da rua, protege o centro do terreno aberto ao sol e disponível às necessidades coletivas.

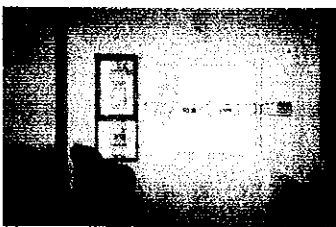
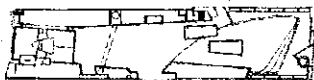
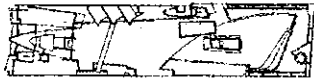
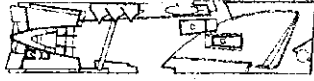
planta 1, pav.



A simplicidade construtiva do edifício, modulado de 5 em 5 metros por paredes transversais, se reflete no espaço da habitação ao qual somente são conectados o bloco técnico de serviços (sanitário e cozinha, no pavimento térreo, e sala de banhos, no pavimento superior) e a escada de circulação entre os níveis.

A habitação, como concebida por Chavannes e Delluc, torna-se um grande espaço tanto por sua superfície e volume quanto pela qualidade da luz natural e da vista, que aumentam o horizonte. Um espaço à espera das intervenções do morador ao definir os usos, a existência ou não de divisórias, o posicionamento do painel móvel da fachada e a própria dinâmica do cotidiano da habitação.

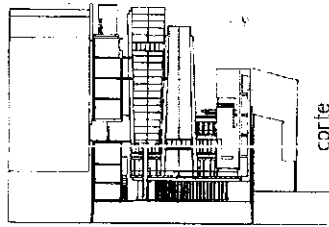
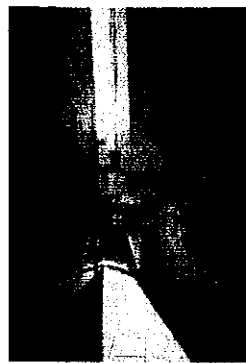




plantas pav. térreo ac 8. pav.

projeto *RUE OBERKAMPF* Frédéric Borel

localização: 113, *rue Oberkampf*, Paris 11^e
 programa: 80 habitações, agência dos Correios
 ano de construção: 1993
 custo:



corte

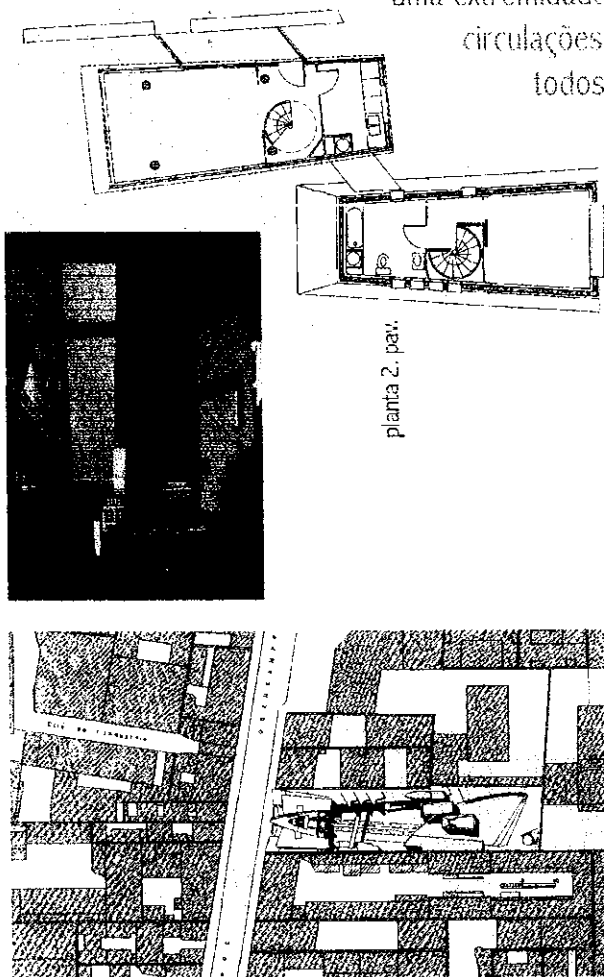
Contido no interior de limites definidos pelos altos muros e paredes cegas dos edificios adjacentes, o projeto se constitui como um microcosmo urbano. Borel mantém sob controle uma expressão plástica forte e contundente. Da rua, uma composição simétrica, que em todos os cortes respeita os gabaritos vizinhos, deixa entrever um conjunto cuja intensa pesquisa formal recupera a idéia dos pátios internos parisienses, presentes nos edificios vizinhos.

Borel procura demonstrar neste projeto, como em outros, que o interior dos terrenos pode ser acessível e trabalhável. Inserido num terreno estreito e longo, e protegido por muros cuja altura chega a até 23 metros, o projeto é organizado como dois continentes separados por uma vista, com alturas diferentes, situados na frente e no fundo do terreno. Dois espaços abertos que

respondem a dois níveis: um pátio público e um jardim privado que se relacionam através do olhar. Com ligação direta da rua, o pátio dá acesso à agência dos Correios, aos comércios e a uma torre de circulação vertical que serve as habitações. Ao redor do jardim se organizam as habitações orientadas para o interior do terreno, criando uma paisagem interna, um teatro de formas e objetos análogos à variedade urbana, contemplado da rua por uma larga abertura na parte posterior do pátio.

O programa privilegia habitações de menor superfície - *studios* e *deux-pièces* - que se situam, muitas vezes contorcidas, os interstícios entre os limites do terreno e a geometria das paredes que definem a cenografia do jardim. Este é limitado em uma extremidade por duas torres piramidais de habitações. Um conjunto de circulações, passarelas e escadas exteriores que se ligam para servir todos os blocos por diferentes percursos.

A pesquisa em torno dos limites entre o público e o privado e uma intensificação dos usos coletivos, expressa na manutenção de uma cena privilegiada que une circulação e estar próximos a uma porção ensolarada de vegetação, acaba por ser bem mais expressivo do que o espaço interno da célula de habitação. Apesar de possuírem somente uma orientação, muitas delas apresentam grandes áreas envidraçadas - janelas em extensão, paredes translúcidas - e, na grande variedade de plantas, as áreas úmidas são bloqueadas, deixando livre uma grande área de espaços servidos. Ao habitante é dada a possibilidade de viver numa cidade análoga, que se beneficia de uma paisagem e agitação próprias, em estreita relação com o urbano, e que se apresenta como uma nova alternativa de sociabilidade.



projeto HABITAÇÕES PARA ESTUDANTES *PORTE DE CLIGNANCOURT* Architecture Studio

localização: 4-6-8, *rue Francis-de-Croisset*, Paris 18^e

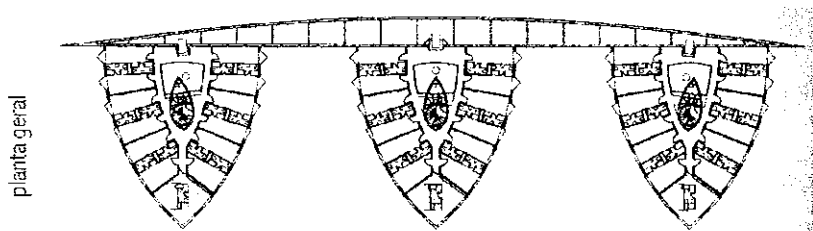
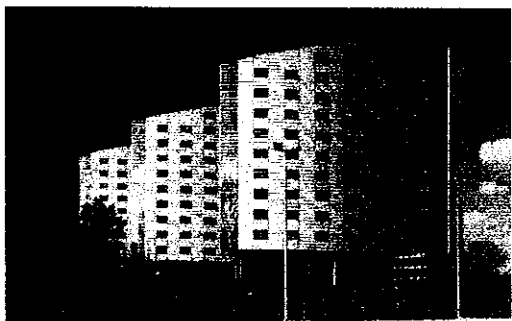
programa: três edifícios de 12 pavimentos sobre dois níveis de sub-solo (351 habitações para estudantes, estacionamento subterrâneo de 55 vagas, áreas técnicas e coletivas, 3 habitações funcionais)

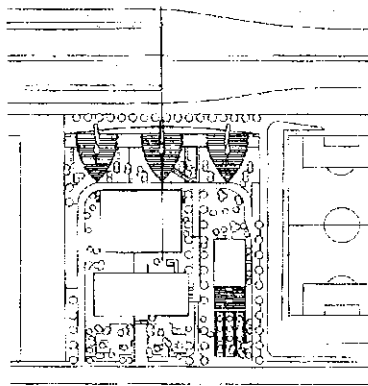
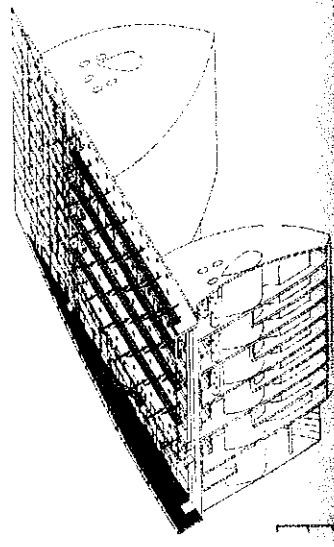
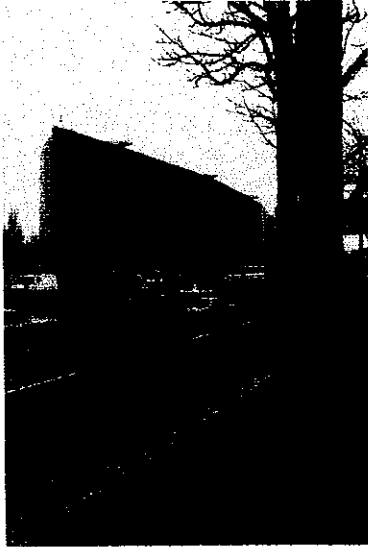
ano de construção: 1996

custo: 7000 francos HT/m² habitável (valor 1995)

A construção de habitações ao longo da via expressa de Paris parecia inconcebível até há pouco tempo: o choque com altos índices de ruído e poluição tornariam a mistura impossível. Contrariando a tendência atual de pesquisar as conexões possíveis com a cidade, sua história, o terreno de inserção, numa escala enfim humana, dois conjuntos são realizados nas bordas da auto-estrada, um pelo escritório Architecture Studio, em *Porte de Clignancourt* - uma habitação para estudantes -, e outro em *Porte de La Chapelle*, por Christian Hauvette.

Para o grupo Architecture Studio, o *Périphérique* seria um dado incontornável se não houvesse meios de responder à sua presença. Sua resposta é simples mas contundente: um enigmático muro anti-ruídos de 30 metros de altura por 100 metros de comprimento com faixas vermelhas pintadas em suas extremidades, estende-se ao longo da auto-estrada, e é atravessado por uma imensa "janela urbana" através da qual se distinguem as passarelas de circulação, de onde avistam-se a cidade





implantação

⁴⁷ Ver Revista Le Monde
Architecture edição especial
1996.

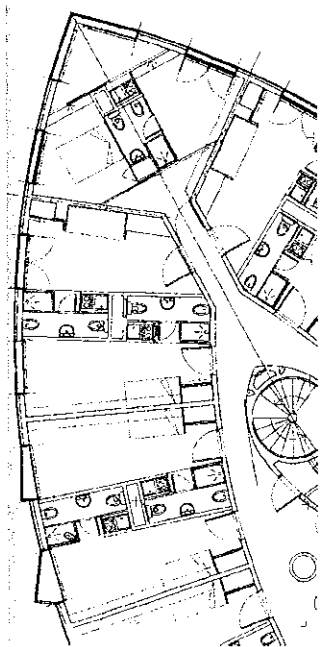
e seus fluxos.⁴⁷ Um edifício em forma de escudo que abriga as circulações verticais - elevadores transparentes - e horizontais - passarelas metálicas - protege e interliga três edifícios em forma de proa de navio, abrigando as habitações. Nesta atmosfera dramática e, no extremo, de vertigem, cada elemento tem sua força: as paredes de concreto bruto preto são ligadas por braços metálicos vermelhos, horizontais, que dão a dimensão do lugar e vão se rarefazendo na distância. Mesma vertigem causam os elevadores envidraçados em movimento, carregando pessoas e deixando a dúvida sobre se seus corpos estão presos ao chão ou soltos no ar, e as passarelas em aço inoxidável fixadas ao muro que contem a imensa "falha" como *belvédère* sobre a rodovia e o movimento intenso de veículos.

Abrigadas dos ruídos externos, as 351 habitações se beneficiam de vistas sobre a universidade vizinha (um anexo de *Paris IV Sorbonne*) e sobre a colina de Montmartre por meio de janelas salientes. São distribuídas ao redor de um nó de circulação - escadas e coluna vertical de fluidos - e área comum - sala de estar ou de estudos - concebido igualmente em forma de proa, repetindo a planta dos três edifícios. Do 3º ao 9º pavimento, os andares são ocupados por doze *studios* individuais, maiores que de costume (20m²) e um *studio* para duas pessoas colocado na proa do edifício. No 10º pavimento, são instalados duplex destinados a casais. Cada moradia, equipada com uma sala de banhos e de uma *kitchenette*, oferece ao estudante mais do que o mínimo usual, pois a habitação não se



faz somente por seu espaço *strictu sensu*, mas também - e aqui está a singularidade do projeto de Architecture Studio - pelo que está além, a sua cenografia. Desta forma, tudo ganha importância e tem um detalhe refinado contribuindo para a imagem final do conjunto. A forma e as dimensões do edifício fogem às convencionais tipologias de prédios de habitação, quer sejam para famílias ou pessoas sós, já de antemão impondo-se como "algo fora do comum". Os enquadramentos de paisagem conversam com seu entorno e definem as visuais de inserção do edifício. A circulação do conjunto, posta em relação visual direta com seu duplo - a circulação da cidade - por meio de uma "grande tela de cinema", é o grande momento das sensações, de recepção de informações, de contato com a vida do edifício e do urbano. Os materiais escolhidos - concreto e elementos metálicos - e a iluminação natural e artificial definem ambiências distintas do senso comum, contribuindo para a interação com o habitante, potencializando as várias qualidades existentes entre os opostos: entre o alto e o baixo, o claro e o escuro, o colorido e o preto e branco, a transparência e a opacidade, o liso e o rugoso.

Architecture Studio finaliza uma proposta dramática, cheia de coerência e que justifica a sua força: manipula os temas selva-asfalto-propaganda-projetores de luz da cena urbana, transpondo a sua violência sem se submeter a ela. Um edifício de habitações se impõe no trajeto cidade-periferia, afirmando sua condição e a possibilidade do ato de habitar a cidade.



planta habitações

projeto HABITAÇÕES *PORTE DE LA CHAPELLE* Christian Hauvette

localização: entre as rodovias *Périphérique* e *Porte de La Chapelle*, Paris 18^e

programa: 96 habitações para famílias, 208 *studios* para pessoas sós, estacionamento com 204 vagas

ano de construção: 1995

custo: 7500 francos HT/m² habitável

A implantação do edifício ao Norte da rodovia *Périphérique* e próxima à *Porte de La Chapelle*, onde o fluxo de veículos e caminhões é um dos mais intensos da região parisiense, seria uma das piores que se poderia imaginar para um conjunto de habitações. Em 1991, um concurso é organizado pela SNI (*Société Nationale Immobilière*⁴⁸).

para o Ministério do Interior, com o objetivo de realizar 304 habitações para famílias e pessoas sós. Na época, a proposta de Christian Hauvette seduziu pela clareza de seu partido:

uma barra paralela à rodovia, com um tratamento sem concessões e uma bipartição transposta do programa - uma base de seis níveis para as habitações familiares sobre a qual, depois de um pavimento livre, de uso coletivo, com vista sobre a cidade, pousam quatro níveis de *studios*.

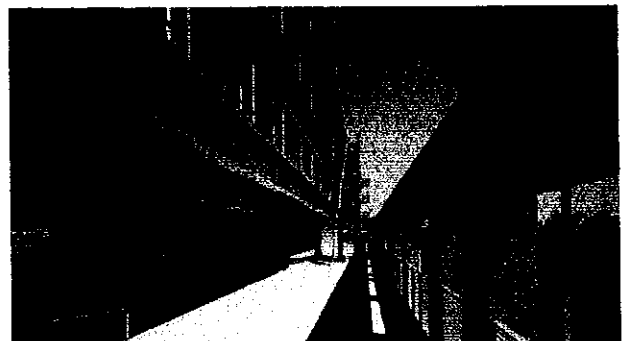
Para o arquiteto, o essencial viria depois.

Mergulhado no fluxo de veículos e inundado pelo barulho, numa área intrinsecamente metropolitana, o conjunto realiza seu mote: "O arquiteto não é responsável pela



⁴⁸Société Immobilière Nationale

⁴⁹"*L'architecte n'est pas responsable de la ville et de l'urbain*" o que não impede que ele lhes dê "*des objets pacificateurs*." In: *Rev. Techniques et Architecture* n.425, maio 1996.



cidade e pelo urbano",
o que não impede que
ele lhes dê "objetos
pacificadores."⁵⁰ Uma

arquitetura que
reorganiza para seu
proveito os dados do
entorno, relacionando e
associando imagens,
situações. Como um
divisor de águas, o edifício
tem na elevação Sul as

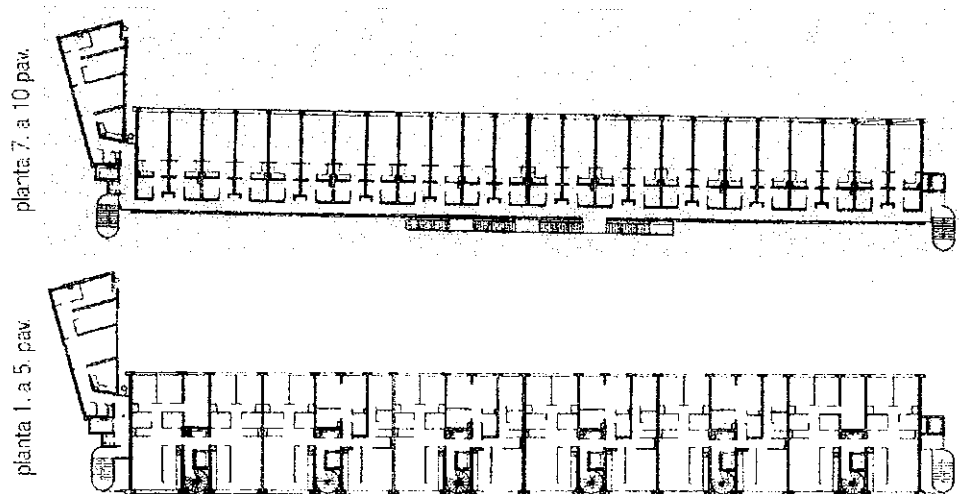
circulações verticais e
horizontais, as cozinhas em

fachada - protegidas pela
circulação periférica, com dupla
pele e climatizada - em estreita
relação com a rodovia; na fachada

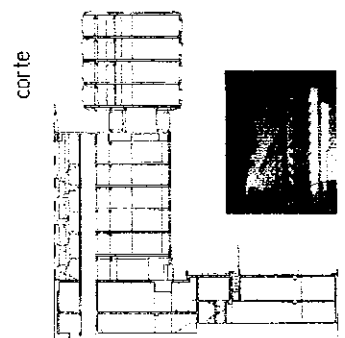
42

Norte as aberturas do estar se orientam
para a tranquilidade e a vegetação do
cemitério ao lado. Uma poesia cinematográfica,
dotada de uma violência interior, dividida entre a
passividade do cemitério e a agressividade dos
carros que o vidro da fachada permite ver sem ouvi-
los.

Neste universo metropolitano, a barra expõe sua imagem
de dureza, de mistura perturbadora, revelando também suas
possíveis referências: os grandes "transatlânticos"⁵⁰ da
habitação moderna e a arquitetura habitacional de Jean Nouvel,
em especial *Némausus 1* e *Résidence Christophe Colomb*⁵¹.



⁵⁰ A imagem dos transatlânticos foi muito utilizada pelos arquitetos Modernos na concepção de conjuntos habitacionais, tanto pela eficiência que sua organização interna pressupõe quanto por sua cenografia.





⁵¹ Ver SPERLING, D., INO, A., TRAMONTANO, M. *Habitação Social na Obra de Jean Nouvel*. *op.cit.*

⁵² Na França, as áreas de circulação abertas não entram no cômputo da área construída total do edifício, assim como não necessitam de equipamentos de segurança contra incêndios sofisticados, e justificam, por consequência, um custo menor das apólices de Seguro.

⁵³ Primeira etapa da construção, incluindo estruturas, pisos, cobertura, e paredes de concreto ou de alvenaria.

⁵⁴ Segunda etapa da construção, incluindo a colocação de esquadrias, vedações verticais leves e instalações.

Contrariando a tendência atual de pequenos conjuntos habitacionais inseridos em terrenos vazios centrais, que definem novos pontos de interesse na malha urbana ao mesmo tempo que trazem a habitação para o centro das cidades, *Porte de La Chapelle* vem propor a ocupação de um terreno baldio utilizando o potencial agregador de um conjunto habitacional, conectando-o aos fluxos da cidade.

A organização funcional das habitações orientadas transversalmente, definindo a racionalidade estrutural, exhibe clara filiação Moderna, juntamente com as circulações coletivas abertas⁵² ao Sul e a concisão de elementos construtivos.

A construção do conjunto, obedecendo a divisão clássica entre a *première-oeuvre*⁵³, de construção pesada em concreto armado, seguida de uma *second-oeuvre*⁵⁴ mais leve de simples conexão de elementos metálicos interna e externamente (guarda-corpos, escadas, passarelas, divisórias), beneficia-se da utilização de materiais e elementos industriais, mais baratos na construção civil francesa, trazendo à lembrança *Némausus 1*, de Jean Nouvel⁵⁵, o projeto de habitação paradigmático tanto no que se refere aos materiais quanto por tirar partido

justamente destes materiais para criar um novo evento urbano. O projeto também tem íntima relação com os espaços de habitação propostos por Nouvel, caminhando para uma "grande habitação" através da inserção de poucos elementos (bloco

S

O

T

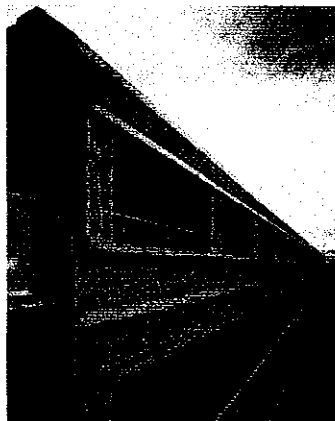
E

J

O

R

D

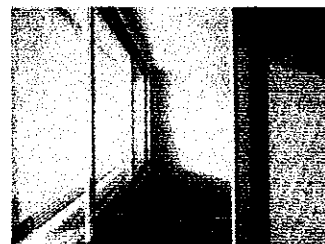


⁵⁵ A obra habitacional de Jean Nouvel mereceria grande destaque nesta seleção de obras do panorama contemporâneo, porém à sua obra já foi dedicado um ano de pesquisa de iniciação científica intitulada *Habitação Social na Obra de Jean Nouvel. op. cit.*, financiada pelo programa CNPq-Pibic

⁵⁶ Não vai, no entanto, ao extremo de propor uma varanda ou jardim de inverno como extensão do espaço de morar, como faz Nouvel, para quem "uma bela habitação é uma grande habitação". NOUVEL, J. *Projects, Competitions, Buildings 1980-1990* In: *Architecture in Transition - Between Deconstruction and New Modernism*. P. Noever (org.). Munich: Prestel, 1991.

técnico e algumas divisórias) que organizam todo o espaço, dando ao habitante a possibilidade de definir usos e funções.⁵⁶ Da mesma maneira, o forte azul inusual das paredes externas pode ser reconhecido no projeto de Nouvel para Bezons, a *Residence Christophe Colomb*; e somado ao cinza dos elementos metálicos é capaz de suscitar a imagem de um grande trem de periferia.

Por meio de uma racionalidade maior, Christian Hauvette consegue superar o que seriam as deficiências de seu contexto, colocando-se frente a frente com seu "problema", trazendo para a habitação a dinâmica de seu entorno e a assimilação da dinâmica do habitante.



conclusão CONCLUSÃO



THE HUDSUCKER PROXY, 1994

⁵⁷ ROUANET, Sérgio P. A. Verdade e a Ilusão do Pós-Modernismo, *op. cit.*
⁵⁸ JULIENNE, L., MANDON, J-M. - Habitação em questão: uma mutação que tarda (Du logement consolidé à d'autres habitats - une mutation qui tarde), In: *L'Architecture D'Aujourd'Hui*, n. 239, Juin 1985. pp 42 a 44.

"Pensar o habitado", "a habitação em questão" ou "uma mutação que tarda", expressões utilizadas por Monique Eleb-Vidal, Loïc Julienne e Jean-Marie Mandon em textos reflexivos sobre a habitação contemporânea, são representativas deste momento de questionamento das "sínteses homogeneizadoras"⁵⁷ arquitetônicas e uma atomização geral de comportamentos, que tem a fragmentação como um dos paradigmas de sua época.

Há meio século, o Movimento Moderno expressou vários conceitos que definiram, por muito tempo, uma forma de pensar a arquitetura e marcaram profundamente os espaços da vida cotidiana. Entre a proposição de cidades e de habitações Modernas, esta última ganha importância quando se pensa no número de unidades realizadas pela certeza da existência de um modelo universal, passível de ser reproduzido identicamente. Ao basear-se em uma suposta unicidade dos modos de vida e acomodar-se na conveniência de sua fórmula, a habitação-para-todos, a tipologia da habitação consolidada⁵⁸, - difundida por empreendedores,

3

9

N

3

T

n

S

A

9

regulamentações estáticas e pela indústria da construção⁵⁹ -, aniquilou toda a pesquisa que se poderia fazer sobre a habitação e seu sujeito, o habitante. Esquemas e hábitos até hoje por muitos não contestado: uma habitação de sala e três quartos logo remete a um casal com dois filhos e vários espaços tipo - *hall* de entrada, estar, sala de jantar, cozinha, sala de banhos - agenciados de maneiras predeterminadas, numa "estética de estacionamento", como propõe a historiadora Sofia Telles.⁶⁰ Da mesma forma, a inserção destes edifícios em extensas periferias, distantes do centro e de infraestruturas necessárias, foi praticada por muito tempo em países europeus - e o é ainda hoje no Brasil - e não parece ter sido suficientemente reavaliada.



Paralelamente à consolidação e à disseminação deste modelo, os perfis sociológicos e demográficos tem estado em constante transformação e os avanços tecnológicos cada vez mais presentes no cotidiano, alterando comportamentos e sendo alterados por eles.

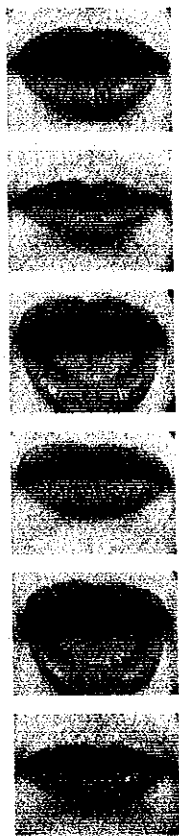
No caso da França, em especial, alguns dados são significativos. O aumento do número de famílias monoparentais (928.000 famílias em 1981) e o decorrente aumento de pessoas vivendo sem seus filhos acompanha a progressão de pessoas vivendo sós (1,5 milhão de homens e 3 milhões de mulheres em 1981) e o gradativo desaparecimento de famílias numerosas. O número de pessoas morando juntas representa dois terços do total de casamentos, as mulheres cada vez mais estão inseridas no mercado de trabalho (40% em 1981) e o número de divórcios dobrou em dez anos (entre 1980 e 1990). A evolução de métodos contraceptivos permitindo a diminuição dos índices de natalidade e os avanços na medicina - prolongando a vida, alteraram em muito o perfil etário da população, agora tendendo a uma maioria de pessoas adultas e idosas⁶¹.

Paralelamente, a disponibilidade e inserção de novos equipamentos

⁵⁹ Ver SPERLING, D.M., INO, A., TRAMONTANO, M. *Habitação Social Francesa: evolução recente e propostas atuais*, *op.cit.*

⁶⁰ Expressão proposta pela Profa. Sofia Telles, em aula do curso de Arquitetura e Urbanismo da Puccamp.

⁶¹ Todos os dados foram extraídos de JULIENNE, L., MANDON, J.-M. *Habitação em questão: uma mutação que tarda* (Du logement consolidé à d'autres habitats - une mutation qui tarde), *op. cit.*



HEY YOU, WANNA BUY THAT SPECIAL FEELING?

no espaço da habitação acompanha de perto o desenvolvimento de novas tecnologias no campo dos eletrodomésticos e da comunicação.

O conjunto telefone-fax-modem-computador - e, em breve, a televisão - ligado a redes mundiais de comunicação de dados alterando as relações de espaço-tempo, favorece o trabalho em casa.

Subvertendo a necessidade de armazenamento de informações em função da conectividade e, em última instância, possibilitando a satisfação de quase todas as necessidades do ser humano, através da redefinição da habitação como um novo centro de gravidade, permitiria uma vida atrás do monitor, a tela interativa - um tema central para filósofos como Paul Virilio. A inserção da própria televisão, a tela passiva, - e agora em sua forma curiosamente mais "realista", o *home-theater* - na quase totalidade de moradias, acompanhada da disseminação da alimentação rápida - quase abolindo o sistema estocagem, conservação, preparação - coloca em questão as dimensões e a função dos espaços.

A este momento de redefinição de conceitos e superação cada vez mais veloz de tecnologias e comportamentos, a habitação ocupa um lugar privilegiado: por sua característica intrínseca, é lugar de saída, entrada e passagem de todos os fluxos da sociedade, lugar por excelência de consumo de todos os bens da sociedade - alimentos, equipamentos, informações, lazer - , onde se traduzem todas as transformações sociais e, assim, referência essencial para o estudo da sociedade urbana.

Como responde a todas estas reivindicações a habitação, um espaço construído e como tal, de caráter essencialmente estático? De quais habitações o mundo contemporâneo necessita?

Povoado de uma variedade de comportamentos é possível afirmar o seu direcionamento ao hiper-individualismo, mesmo quando o grupo analisado é a família nuclear onde é freqüente "todos morem juntos, ainda que separadamente". A este individualismo local, conectado a uma sociabilidade mundial, parecem corresponder microespaços multifuncionais capazes de atender a todas as necessidades

cotidianas do homem só, desterrado, e conectá-lo virtualmente a uma infinidade de locais, pessoas e experiências. Um espaço povoado de equipamentos - entre outros, o forno de microondas, os equipamentos de multimídia e, em alegórica substituição à janela, uma grande tela de computador como portadora de todas as informações externas e internas à habitação.

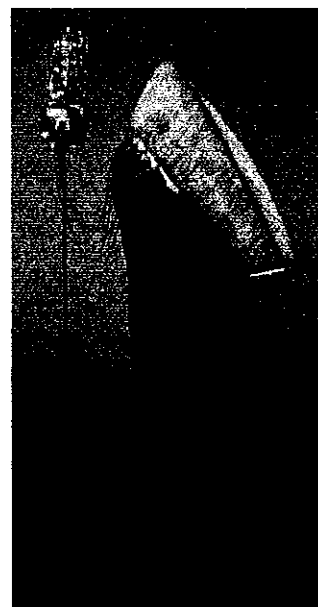
Antecipando o tema da cápsula de habitação, um espaço hiper-tecnológico e mínimo a serviço do indivíduo, já na década de 60, o grupo Archigram propõe suas utopias da *Plug-in living-unit* (W. Chalk, 1964), da *Gasket Capsule* (R.L. Heron e W. Chalk, 1965) e do *Cushicle* (M. Webb, 1966), este último não abrigoando mais do que as funções estritamente individuais e solitárias, parecendo visualizar o conceito de imaterialidade como tendência geral da sociedade contemporânea e da evolução das técnicas. Incorporando a imagem do movimento urbano e a necessidade de transformações da célula da habitação, em uma época de grande desenvolvimento econômico e de exaltação da técnica, Archigram partia do pressuposto da obsolescência e da descartabilidade de componentes da habitação, dificilmente admissíveis após o surgimento de uma consciência em prol do desenvolvimento sustentável, ou mesmo, pela impossibilidade de a arquitetura resolver questões relativas à sua própria disciplina.

48

Na França atual, mesmo frente as rigorosas normas que regem a construção da habitação social, vários arquitetos tem se permitido refletir e teorizar sobre o tema do Habitar e, apesar de enfrentarem certas dificuldades presumíveis - a relação com os empreendedores, o embate com o canteiro, a resistência por parte da sociedade - tem conseguido materializar os seus conceitos sobre o que seriam estes possíveis novos espaços de morar. Entre as pesquisas teóricas, são notórias as de Yves Lion e François Leclercq com sua *Bande Active*, de Roger Perrinjacquet⁶², ou as de Loïc Julienne e Jean-Marie Mandon e outras, realizadas para o PAN (*Programme de*

⁶² Ver SPERLING, D.M., INO, A., TRAMONTANO, M. *Habitação Social Francesa: evolução recente e propostas atuais. op. cit., p.58*

OVERLEAF RIGHT: BUREAU DICTO, Krueger & Gasman



Architecture Nouvelle)⁶³. Do atual panorama francês da habitação social, em meio a realizações consideradas tradicionais e algumas inovadoras, foi procurada a seleção de um quadro representativo das várias frentes exploradas nestes últimos anos. Talvez ainda um pouco distantes de uma flexibilidade total porém realista - que através de mínimos elementos, dotados de um desenho específico, possam organizar um espaço adequado às várias necessidades sociais⁶⁴ e estéticas e a restrição econômica - mas, por outro lado, muito distantes do espaço da habitação convencional, estes projetos apontam caminhos a serem aprofundados para uma correspondência entre as buscas do objeto desenhado e as realidades do objeto habitado, tornando-os capazes de abrigar as transformações em curso das relações interpessoais:

⁶³ Ver JULIENNE, L., MANDON, J.-M. - *Habitação em questão: uma mutação que tarda (Du logement consolidé à d'autres habitats - une mutation qui tarde)*, *op. cit.*
⁶⁴ Eliminando, aqui, qualquer possibilidade de adoção de um modelo universal de moradia.



GASMAIN, Krueger & Kaplan.

⁶⁵ Ver ARANTES, Otilia. *Urbanismo em fim de linha*. *op. cit.*

1. A inserção urbana da habitação social como possibilidade de construção da cidade, ela mesma um objeto em redefinição: ⁶⁵ as novas técnicas de comunicação readequam à escala do território ou da cidade, as noções de limite, de grandeza e de proximidade, participando de uma desurbanização pós-industrial. Uma inserção que implode com a *standardização* do urbanismo corrente que divide a vida social em habitação, edifício, terreno, quarteirão, reavaliando os limites entre privado, coletivo e público, e concorrendo para uma animação urbana e uma relação direta com os serviços oferecidos pela cidade;
2. O trabalho sobre a célula habitacional, focado diretamente em função do perfil sócio-demográfico do habitante - família nuclear, monoparental, pessoa vivendo só, coabitação, estudantes, pessoas idosas - e a sua provável evolução. O estudo das necessidades e relações intra habitação deste grupo familiar,

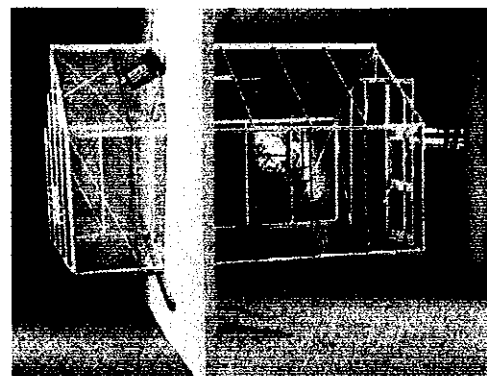
definindo as dimensões de seus espaços.

O questionamento da necessidade de uma grande quantidade de espaços monofuncionais, quando um menor número de espaços multifuncionais, além de possibilitar ambientes maiores, física e psicologicamente, concorre para uma espacialidade do habitar que incorpora a simultaneidade da vida contemporânea. Desta forma, a habitação não se faria por *hall*, *estar*, *cozinha*, *quarto*, *sanitário* e *sala de banhos*, mas por um espaço *dormir-relaxar-higiene* anexo a outro *receber-trabalhar-alimentar-se* ou então uma habitação formada por *dormir-trabalhar-alimentar-se* contíguo ao *informações* e ao *relaxar-higiene*, e assim por diante;

3. A incorporação das transformações comportamentais inerentes à vida contemporânea e devido à presença de um número crescente de equipamentos no espaço de morar. O tele-trabalho, os equipamentos de multimídia que adentram a moradia com um volume crescente de informações, pressupõem o desenho de novos espaços adequados a eles. A

incorporação do lazer e do culto ao corpo no cotidiano comum tende a gerar novas necessidades. A cozinha e a sala de banhos estão se distanciando, cada vez mais, de uma estreita concepção técnica para serem lugares de prazer e de vida;

4. O desenho de aberturas, suas dimensões e seu posicionamento possibilitam uma nova apreensão dos espaços e da cidade, permitindo, através de diversos materiais, a obtenção de diversas sensações entre o opaco e o transparente e a criação de ritmos. A definição de uma gradação de espaços mais íntimos, privativos ou introvertidos e de espaços abertos, extrovertidos, enriquecendo a relação interior-exterior. A iluminação e a ventilação natural como componentes qualificadores dos espaços da habitação;



HIGH RISE, Richard Wilson, 20. Bienal de São Paulo

5. A pesquisa das várias possibilidades de agenciamentos em superfície - formas, movimentos, blocos - e em volume - desníveis, níveis, alturas - gera espaços maiores e relacionados entre si, criando perspectivas e vistas inusuais ao espaço da moradia. A introdução da "fachada espessa", uma possibilidade de extensão da habitação e que, como uma antecâmara, altera as relações entre o interior e o exterior;

6. A projeção de relações de vizinhança e de espaços coletivos como uma resposta à sua exiguidade nas cidades, e como alternativa à escassez de espaços públicos de convívio. O contato com a natureza - jardins, bosques - associado à coletividade, uma dimensão há muito tempo perdida nos conjuntos habitacionais;

7. Um trabalho formal/estético que se posicione frente à inserção urbana e que, ao mesmo tempo, aliado ao uso de novos materiais, seja portador de uma nova imagem distante da homogeneidade que acompanha os conjuntos convencionais, torna-se um fator determinante na aceitação da condição social, co-responsável no surgimento de um sentimento de coletividade. Revestindo-se de significado para a população local, torna-se ponto de irradiação de uma requalificação do entorno;

8. A criação de uma riqueza de percursos e movimentos que levem a uma apreensão de todo o conjunto. Uma cenografia que tem, como o seu duplo, os fluxos da cidade;

9. Uma arquitetura capaz de induzir à participação do habitante, quer sob a forma de definição das funções dos espaços e ação sobre painéis móveis, ou de forma mais inconsciente, mas talvez mais rica, capacitá-lo a perceber o espaço em que vive e suas relações com a cidade;

A compreensão da complexidade do tema "habitar contemporâneo" - e inserimos aqui a habitação social francesa e, guardando especificidades, a habitação social brasileira, que tem passado ao largo de um necessário redesenho - passa por dois vetores que modificam a paisagem da moradia: as pessoas e os objetos. O grande dilema da habitação contemporânea está, justamente, em conciliar as imagens de estabilidade, de

fixação e de enraizamento que acompanham o habitat com as imagens de movimento, de metamorfose, de variabilidade das aparências, de circulação de fluidos, de redes, de deslocamentos do habitar.

Por estas razões não é possível apontar modelos, mesmo porque é improvável que eles existam: segundo crê Alan Colquhoun, as exigências da vida contemporânea são, no limite, "tão complexas e mutantes, que todas as intenções de antecipá-las por parte do arquiteto conduzem a edifícios inadequados para a sua função"⁶⁶. Chegamos então a um impasse e a arquitetura não teria meios para vencê-lo. A resposta a esta fragmentação em que vivemos seria a desmaterialização da arquitetura, ou, como propõe Jean Nouvel, o futuro da arquitetura não seria mais arquitetural.⁶⁷

À necessidade de abrigo, a vida contemporânea veio somar inúmeras contingências, levando à reflexão sobre a própria natureza da habitação, o que ocorre, numa macroescala, nas cidades⁶⁸ e nos territórios. As tendências atuais do projeto da habitação social parecem caminhar para o entendimento de que as respostas não virão em separado, não renunciando ao ponto de vista da totalidade, como quer Otília Arantes⁶⁹, apesar da inviabilidade do conceito de cidade, que, para ela, é exemplificada pelos grandes monstros urbanos e suas zonas extraterritorializadas.

Porém, ainda é possível afirmar que, em tempos de crise da arquitetura - como querem alguns - e de redefinição de paradigmas, a própria arquitetura, como atestam os projetos aqui apresentados, tem conseguido dar respostas condizentes com seu tempo e seu programa, colocando-se como um campo de conhecimento multidisciplinar que se quer de vanguarda na reflexão e na proposição de novas possibilidades para a vida contemporânea. É possível, então, parafrasear Le Corbusier, ao dizer que a arquitetura vai bem, mas em tempos de "incredulidade com relação às narrativas legitimadoras", citando Rouanet⁷⁰, ela - juntamente com a habitação social - talvez caminhe para um espaço mais e mais incerto, dinâmico, sujeito às mais variadas mudanças.

⁶⁶ Citado por ELEB-VIDAL, M., CHATELET, A-M, MANDOU, Th. - *Penser l'habité: le logement en questions, op. cit.*, p. 102

⁶⁷ NOUVEL, J. - *Projects, Competitions, Buildings 1980-1990, op. cit.*

sobre a pesquisa **SOBRE A PESQUISA**

OBJETIVOS

Contextualizar a pesquisa anterior realizada sobre a "Habitação Social na obra de Jean Nouvel: seus contextos, suas propostas e suas conseqüências" em uma esfera mais ampla de discussão sobre a habitação e a evolução de seu desenho, considerando a necessidade de adequar-se aos modos de vida emergentes;

Traçar um panorama histórico do debate sobre o conceito de habitação colocado na França desde o primeiro pós-guerra pelo Movimento Moderno até os dias atuais fazendo um paralelo com as grandes mudanças sócio-culturais e econômicas do período e suas mais visíveis implicações na conformação do espaço de morar;

Produzir uma leitura das obras habitacionais contemporâneas realizadas pelo Correio Francês (La Poste) e outras operações relevantes, selecionado como conjunto representativo das questões colocadas na atualidade.

METODOLOGIA

PRIMEIRO MOMENTO

Levantamento bibliográfico 1: A pesquisa se iniciou com o levantamento e coleta de material em números das duas mais antigas e reconhecidamente mais importantes revistas francesas de arquitetura - L'Architecture D'Aujourd'Hui e Techniques & Architecture -, publicados entre 1930 e 1994, nas bibliotecas da EESC-USP e do CAD-FAUPUCCAMP.

Panorama histórico: O levantamento bibliográfico serviu de subsídio para a elaboração de um breve panorama da evolução do desenho da habitação social na França, situado a grosso modo entre as décadas de 1910 e 1990, através da seleção de projetos que procuraram repensar a questão: as realizações inovadoras H.B.M. do entre-guerras, os H.L.M. do segundo pós-guerra que receberam complementação de financiamento do Plan-Construction (órgão financiador de pesquisa em habitação), as experiências dos anos 60 no campo da flexibilidade (*habitat évolutif*), até as propostas e realizações dos anos 70 a 90.

Conclusões preliminares: A partir da elaboração deste breve panorama, foram esboçadas conclusões preliminares sobre as principais tipologias do período. Este processo foi registrado no Volume 1 da pesquisa.

SEGUNDO MOMENTO

Levantamento bibliográfico 2: Foi realizado um levantamento bibliográfico relativo às obras produzidas através do programa La Poste e outras operações em números das revistas francesas L'Architecture D'Aujourd'Hui, Techniques & Architecture e Le Moniteur Architecture, de 1980 a 1996, disponíveis na Biblioteca Central da EESC/USP, nos arquivos do GHab - Grupo de Pesquisas em Habitação - EESC/USP, e do Professor Marcelo Tramontano.

Propostas contemporâneas: Numa etapa posterior, foram selecionados para análise detalhada projetos contemporâneos relevantes - programa *La Poste* e outras realizações -, segundo tópicos tais como seus conceitos mais determinantes, seu desenho, o contexto sócio-cultural e econômico em que estão inseridos, a inserção urbana, os principais materiais e equipamentos utilizados.

Conclusões finais: A pesquisa foi finalizada com uma reflexão sobre os mecanismos de redesenho da habitação social na atualidade, e as lições que podemos - mais uma vez - extrair da experiência francesa. O registro de tal processo (Segundo Momento) compõe este Volume 2 da pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

- ARANTES, O. O lugar da Arquitetura depois dos Modernos. São Paulo: Edusp, 1995. 2.ed.
- ARANTES, O. Urbanismo em fim de linha. In: Folha de São Paulo, Caderno Maist, São Paulo: 05/07/1993, p. 6/10
- BOESIGER, W. Le Corbusier. Estúdio Paperback. Barcelona: Gustavo Gilli, 1985.
- CHEMETOV, P., GAILHOUSTET, R., LION, Y., NOUVEL, J. Debate: Loger? Ou bien réinventer le monde?, in: Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui, n.252, 1987. pp.21-23.
- DIAS, L. M. C. Jean Nouvel e a Habitação Social, São Carlos: EESC/USP, 1995.
- ELEB-VIDAL, M., CHATELET, A-M, MANDOUL, Th. La flexibilidad como dispositivo. in: Quaderns 202. Barcelona, 1994. pp. 98 a 106.
- ELEB-VIDAL, M., CHATELET, A-M, MANDOUL, Th. Penser l'habité: le logement en questions, Liège: Pierre Mardaga Editeur, 1988.
- FRAMPTON, K. Os ismos da Arquitetura Contemporânea, In: Architecture Design n.52 jul/ago 1982. Impr. Tradução: Philip Gunn e Yara Vicentini.
- FUJI, W. (Ed.) GA Houses n.45. Tokyo: A.D.A. Edita.
- HUEI, B. Concours de Circonstances, In: Rev. Techniques & Architecture, n.410, 1993. pp.58-67.
- HUEI, B. Dossier Recherche Habitat, In: Rev. L'Architecture D'Aujourd'Hui, n.176, 1974. pp.01.
- JOEDICKE, J. - Candilis, Josic, Woods, Uma década de Arquitetura e Urbanismo, Barcelona: Gustavo Gilli, 1968.
- JULIENNE, L., MANDON, J-M. Habitação em questão: uma mutação que tarda (Du logement consolidé à d'autres habitats - une mutation qui tarde), In: L'Architecture D'Aujourd'Hui n. 239, Juin 1985. pp 42 a 44.
- NOUVEL, J. Projects, Competitions, Buildings 1980-1990 In: Architecture in Transition - Between

Deconstruction and New Modernism, P. Noever (org.), Munich: Prestel, 1991.

PORRAS-YSLA, E. Mission Impossible - Cinco apuntes sobre realidad y vivienda, Quaderns, n.214, Barcelona, 1997

REBOIS, D. (Coord.) EUROPAN 1 - Réalisations/Implementations. Paris: Pandora Editions. , 1991.

ROSSI, A. La Arquitectura de la Ciudad, Gustavo Gilli, 1983; pp.273-283

ROUANET, S. P. A Verdade e a Ilusão do Pós-Modernismo In: As Razões do Iluminismo, São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.229-277

SPERLING, D. M., INO, A., TRAMONTANO, M., - Jean Nouvel, Projetos e Obras 1972-1994, São Carlos: EESC-USP, 1996.

SPERLING, D. M., INO, A., TRAMONTANO, M. Habitação Social na Obra de Jean Nouvel: seus contextos, suas propostas e suas consequências, São Carlos: EESC-USP, 1996.

SPERLING, D. M., INO, A., TRAMONTANO, M. - Habitação Social Francesa: evolução recente e propostas atuais, vol.1.; São Carlos, EESC-USP, 1996.

TRAMONTANO, M. Novos modos de vida, novos espaços de morar. São Carlos: EESC-USP, 1993.

TRAMONTANO, M. Habitação Moderna: a construção de um conceito. São Carlos: EESC-USP, 1993.

TRAMONTANO, M. Habitações, metrópoles e modos de vida: por uma reflexão sobre o espaço doméstico contemporâneo. Trabalho apresentado ao II Seminário DoCoMoMo.

Salvador: UFBA, 1997.

TONKA, H. Frédéric Borel - 100 Boulevard de Belleville 20°. Paris: Les Éditions du Demi-Cercle

WERNER, J. Adaptaciones Cotidianas, in: Quaderns 202. Barcelona, 1994.

REVISTAS

Architecture Intérieure Créée: 233

L'Architecture D'Aujourd'Huì: números 1, 4, 9, 11, 12, 16/17, 18/20, 30/32, 40, 45, 46, 49, 52, 53,